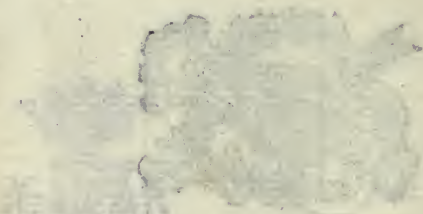
POESIAS
DE
PAULINO
CABRAL DE VASCONCELLOS,
ABBADE DE JAZENTE.

PORTO.

Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
Anno de 1786.
Com licença da Real Mesa Censoria.

Vende-se em casa de Bernardo Antonio Farropo, Livreiro, defronte do Chafariz de S. Domingos da Cidade do Porto.

PROLOGO.

O Merecimento, que ſe encontra nos excellentes verſos de Paulino Cabral de Vaſconcellos, Abbade de Jazente, e a controverſia exquiſita com Theodoro de Sá Coutinho, me picou a curioſidade de ajuntar as ſuas obras. Truncadas, e diſperſas eu mendiguei com indizivel trabalho taõ bellas compoſições: e com igual difficuldade perſuadi a ſeu Author a que as reconheceſſe, e em partes retocaſſe as informes, e erradas copias, que as desfiguravaõ.

Appeteci ultimamente adornar a minha eſtante com a eſtampa deſte genio raro: e bem que alguns Sonetos admiraveis ſe excluiraõ da collecçaõ; em a fazer pública eu me perſuado, que liſongearei aos curioſos de bom goſto, e darei gloria á noſſa Patria neſte ſeu Alumno.

SONETO.

DEsta vida a concorde variedade
Huma armonîa faz, como instrumento,
Que de diversos sons ferindo o vento
Fabrîca huma cadente suavidade.

Hum se occupa das Leys na ambiguidade:
Outro notando aos Céos o movimento:
O Soldado na guerra; e o Avarento
Das sórdidas uzûras na impiedade.

He diverso das Gentes o cuidado:
Fende o Piloto o mar; e a terra fria
O robusto Cultôr com curvo arado.

Este cáça, outro pésca, outro profía
No insólito lavôr arrebatado;
Eu das Musas invóco a melodîa.

SONETO.

LOnge, longe daqui vá toda aquella,
Que consórte, ou que livre quer q̃ a Gente
Lhe tribûte os encómios de prudente,
Lhe offerêça os elogîos de Donzella:

Naõ; naõ me chegue a lêr a que singella
Julga, que em ser amante he delinquente:
Que naõ jóga, naõ dança, finalmente
Que outras prendas naõ tem, mais q̃ a cautella.

Essa, que eu naõ a culpo, essa que estûde
As maximas da honra, as Leys da fama;
E tenha para o mais o génio rûde:

Mas leia os versos meus a gentîl Dama,
Que confessa naõ ter tanta virtude,
Que se atrêva a culpar de amôr a chãma.

SONETO.

EU que cantei na vêrde mocidade
Essa ardente paixaõ, que amôr se chama;
Que a tanto homem de bem, q̃ a tanta Dama,
Tira o repouso, e rouba a liberdade:

Que cantei desse Nume sem piedade
As settas, o carcáz, e aquella chamma,
Que abráza aos Sábios, q̃ os heróes inflãma;
Que accende até no Thrôno á Magestade:

Eu que da bella Nize o génio inquieto
Quiz me servisse no verdôr dos annos
Aos versos meus de principal objecto;

Eu, conduzîdo em fim dos proprios damnos,
Mudei de assũpto; e em véz de hũ louco affecto
Canto agora as lições dos desenganos.

SONETO.

HE rude o Lavrador; mas felizmente
Com idéas ſubtîs nunca eſcogîta,
Se há mais mundos do que eſte donde habîta;
Se animais nelles há, ſe há nelles gente.

Elle dos campos ſeus cuida ſómente;
A terra dura lávra; e naõ medîta
Se ella acaſo ſe móve; ou ſe ſe agîta
Na Eclîtica celéſte o Sól luzente.

Eſſas outras queſtoens que a noſſa idade
Nos traz por móda do ſombrîo Norte,
Entréga á mais ſubtîl capacidade:

E contente por fim da ſua ſórte,
Aprende os documentos da piedade;
Ignóra o mais: e eſpéra affouto a morte.

SONETO.

DEpois que désta Aldéa no retiro
A vide pódo, enxérto o Catapreiro,
Cultivo o meu Cazal, e do Ribeiro
Eu mesmo as agoas para o campo tiro:

Depois que a recolhêr sómente aspiro
Do meu trabalho o fructo verdadeiro,
Outros bens naõ pretendo, e dêste Outeiro
Ao mundo enganador as cóstas viro.

Procure-os quem quizer: E diligente
Para os lograr o mercador ouzádo
Travesse o mar, e outras Nações frequente,

As Côrtes passe; e em tudo afortunado
Titulos compre Illustres: que eu contente
Sem elles vivo aqui; mas socegado.

SONETO.

VO's q̃ o mundo regeis, Padres conſcri-(ptos,
(O que eu vos naõ invéjo) e q̃ prudentes
De promeſſas encheis aos pertendentes,
E de eſperanças vans aos Réos afflictos:

Vós que lêdes proceſſos infinitos;
Que ſoffreis cavilózos requerentes;
Cartas, memoriaes impertinentes;
E por fim caſtigaes poucos delictos.

Vós ficaï-vos em paz; porque occupados
Naõ deveis ſer com clauſulas eſcriptas
De quem ſem pleitos vive, e ſem cuidados.

Baſta-me ſó que ás vezes nas vizîtas
As vêjaõ Petimetres namorados,
As ouçaõ ſem deſprêzo as Senhorîtas.

SO-

SONETO.

QUando contemplo o tráfico da vida
No bulicio da Côrte sempre incérto,
Parece-me esta Aldêa hum Céo abérto,
Livre de tanto engano, e tanta lida.

Quando vejo a idade submergida
Passo no triste horrôr deste desérto;
Do nêgro luto o coraçaõ cobérto
Os olhos meus a lágrimas convida.

Em nada encontro alivio: na Cidade
Me enfada a confusaõ, e retirado
Das montanhas me assômbra a soledade.

Naõ tem mais q̃ affligir-me o duro fado;
Pois me faz com cruel contrariedade
Que viva em toda a parte magoado.

SONETO.

OH quanto vive alegre o que da Aldêa
A' rûſtica vivenda ſe accommóda;
A donde os campos lavra, as vides póda,
E em ſanta paz o ſeu Cazal grangêa.

Véſte o borél pelûdo, e naõ recêa
Que o culpe o mundo por faltar á móda;
E ſem que têma da fortûna a rôda,
Com goſto almóça, e com ſocêgo cêa.

Téme a Deos, téme ao Rey; e aſſim procura
Lograr dos annos ſeus o gyro inteiro,
Sem que o ſim lhe anticipe a parca dura.

Até que em braços de hum fiel herdeiro,
Ouvindo o Crédo velho ao Padre Cura,
Morre feliz na fé do Carvoeiro.

SO-

SONETO.

AQui onde me trouxe o duro fádo
A paſſar o melhor da minha idade,
Naõ tenho mais que a bruta ſociedade
De algum tôſco Villaõ, que tange o gádo.

Tudo o mais he deſérto inhabitado,
Deſpenhos, precipicios, ſoledade,
Que ſó póde offerecer commodidade
Para algum infeliz deſeſperado.

Aqui ſobre huma pênha eſmorecido
Fico hum dia talvez, e em tal ſegrêdo,
Que até nem de mim meſmo ſou ſentido.

E entaõ, eſtupefacto, mûdo, e quêdo
Aſſi' eſtou de meus males atordido;
Qual junto de hum penêdo, outro penêdo.

SONETO.

DE que me vale a vida, ſe até agora
Só ſervio de occupar-me o ſoffrimento!
Melhor fôra que hum prompto acabamento
Me déſſe, a que me vio a primeira Aurora.

Se o naõ ſer he hum mal; deveſſe embóra
Hum fugitivo ſer ao naſcimento,
Porque ao menos me viſſe hum ſó momento
Entrar no mundo, e delle ſahir fóra.

Alma innocente o Letes tranſitára;
E aos Elizios alegre paſſarîa,
Sem ter queixas que dar da ſórte avára.

De enfados mil entaõ me izentarîa:
Porque lá certamente naõ topára
Tanto Perálta, e tanta Senhorîa.

SONETO.

BRutos penhafcos, rufticas montanhas,
Medônhos bofques, hórrida mallêza,
Que me vêdes, cobérto de trifteza,
Saudozo habitador deftas campanhas.

Para me fuavizar mágoas tamanhas,
Alteremos hum pouco a Natureza;
Civilize meu mal voffa dureza,
Barbarizai-me vós eftas entranhas.

Meu pranto vos commôva algum afféčto
De branda compaixaõ; pois da impiedade
Encontra fempre em vós hum duro objéčto.

Póde fer, que com efta variedade,
Seja mais agradavel voffo afpéčto,
Sinta eu menos cruel minha faudade.

SONETO.

TEm hoje a noſſa Lingua tal decencia
Que nada ſem decóro pronuncîa ;
De hum miſero voſſê , faz Senhorîa
De huma voſſa mercê , faz Excellencia.

Dos commodos marîdos a paciencia
Logra a nobre expreſſaõ de galhardîa ;
Em vez de amor , nos diz galanterîa ,
E o q̃ era mêdo hum tempo he já prudencia.

Em tudo o mais , com termos rebuçados
Brilha na locuçaõ a urbanidade ;
Mas eu rûſtico ſou por meus peccados :

O nome ás couſas dou com claridade ;
E fallando confórme os meus paſſados
Ao Cura chámo Cura , ao Abbade Abbade.

SO-

SONETO.

A Deos, ó Porto a Deos; fica-te embóra,
Que eu já naõ posso mais; porque me cansa
Tanto chá, tanto Wiste, tanta dança,
E tanta cousa mais que callo agora.

Naõ era há pouco assim: tudo empeóra,
O bem se acaba, o mal raízes lança;
E tem-se feito em tudo tal mudança,
Que até por novo estylo se namóra.

A Deos pois: porque o résto de meus dias
Quero dar ás liçoens dos desenganos
Sempre saudáveis, pôsto que tardîas.

A Deos cazas de brinco; a Deos enganos;
Chichisbéos, Excellencias, Senhorîas;
A Deos Ninfas gentîs, que fazeis annos.

SONETO.

AQui sôbre esta pênha, que defronte
Me fica do Maraõ, sentar-me intento,
Para lançar ao mundo o pensamento
Antes que o Sól se mêtta no Orizonte.

Acolá vejo ao pé daquelle monte
De huma póbre corrente o nascimento,
Que apênas déve á chûva hũ bréve augmento
Já quer ser rîo, e deixa de ser fonte.

Já tal estrondo faz, e tal balbórda,
Que tudo atrôa; e assim que o valle ganha
Logo se espalha, e toda se tresborda.

Inchada, submergir quer a campanha,
Sobêrba, quer ser már; e naõ se acórda
Que a mijou ainda há pouco hũa montanha.

SONETO.

FRequente-se o Theátro muito embóra,
As nobres assembléas, o passeio,
O baile, o jógo, e todo o mais recreio,
Que faz a Portugal taõ culto agora.

Delle se lance o barbarismo fóra,
Résto infeliz do mauritano freio;
E devámos á França aquelle asseio
Que tanto os seus alumnos condecóra.

Se a móda o quer assim, calle a censûra,
Em quanto o Petimetre, e a Dama bella
Dança com galla, e canta com doçûra:

Que o que se diz por ahi de huma janella,
De hum caso succedido em noute escura,
E de outras cousas mais, he bagatella.

SONETO.

EM quanto to permitte a mocidade,
Teu Pay disfarça, tua Mãy consente,
E em quanto, Nize a móda o naõ desmente
Nos brincos gasta a flôr da tua idade.

Jóga, dança, conversa, e a variedade,
Que causa tanta prenda, assombre a gente;
Deixa-te vêr, que o Século presente
Hoje chama ao pudôr rusticidade.

Os coraçoens de quem te applaude enlaça:
Desfruta o tempo: e tem por aforismo
Que o gosto he fugitîvo, a sórte escáça.

Engólfa-te de amor no doce abysmo;
Busca o prazer; a vida alégre passa;
Logra-te em fim; que o mais he fanatismo.

SO-

SONETO.

Portugal, que éra rûſtico algum dia,
Incivîl, trapalhaõ, mal amanhado,
Eſtá (graças á França) taõ mudado,
Que o meſmo já naõ hé, que ſer ſohîa.

A lingua, o trage, o trato, a groſſarîa
Dos antîgos coſtumes tem deixado:
Hé todo dôce, hé todo concertado;
E parece outro ſua Senhorîa.

Converſa, jóga, dança; e o novo enleyo,
Que entre os dous ſexos logra, hé taõ decen-
Que á ſátira mordaz tem pôſto hum freio. (te,

Vive agora hum marido mais contente;
Hum Pay ſem ſuſto; e todos ſem receio:
Ditoſa condiçaõ! Ditoſa gente!

SONETO.

ENxuga o pranto, ó Nize; e ſocegádo
Affouta moſtra o rôſto bello á gente;
Que hum ſucceſſo no mundo taõ frequente,
Naõ déve ſer por ti taõ lamentádo.

Tinha de ſer: tórne-ſe a culpa ao fádo:
Tudo ſe eſqueça, e viva-ſe contente;
Que em parte ſe confeſſa delinquente,
Quem naõ ſábe occultar o ſeu cuidádo.

Naõ tens que recear; que á mocidáde
Se perdóa hum deſcuido; e ſendo bella,
Até ſe lhe disfarça huma maldáde.

A honra hé nome vaõ, que ſó diſvélla
As rûſticas vilãs: e a noſſa idáde
Tóma os caſos de amôr por bagatélla.

SO-

SONETO.

VInde cá, dôces Musas, que sómente
Divertir-me com vôsco agora intento,
Pois neste solitário apartamento
Naõ he facil sem vós viver contente.

Ao dôce som da Cîthara cadente
Daremos aos penhascos sentimento,
Pulsando vós o harmónico instrumento,
E eu cantando o mal, que o peito sente.

Tocai qu' eu princípio: huma saudáde
Expressada nas frazes d' harmonía,
Compaixaõ ás montanhas persuáde.

Mas ah! Quanto me engana a fantazía;
Pois movendo os penêdos á piedáde,
Movêr naõ sei de Nize a rebeldía.

SONETO.

OU fosse, Nize, em nós pouca cautella,
Ou que alguem persentisse o nosso enleyo,
Tudo se sábe já; tudo hé já cheio,
Qu'algum cuidado há muito nos disvella.

Dizem, qu'eu sou feliz, que tu és bella;
E ás vêzes com satîrico rodeio,
Hum murmûra, outro zomba, e sem receio
A fama cada qual nos atropella.

Mas se nunca se tapa a boca á gente,
E se amôr sempre activo nos devóra,
Porq̃ aquella he mordaz, porq̃ este ardente;

Adorêmo-nos pois como até agora:
Siga-se amôr; arraste-se a corrente;
E se o mundo fallar, que falle embóra.

SONETO.

(dia,
PAſſa hũ minûto, hũ quarto, hũ hora, hũ
Huma ſemana, hum mez, e hum anno paſſa;
E hé taõ tenaz a dôr, que me traſpaſſa,
Que hum inſtante de mim ſe naõ deſvia.

Tórna o Sól a gyrar, e a tyrannîa
Tórna outra vez da minha ſórte eſcaſſa;
Sem que o tempo, que ás pênhas adelgaça,
Lhe poſſa amolentar a rebeldîa.

Corre hum luſtro, hũa idade, e finalmente
Corre huma vida; e a pena que me apúra,
Em tanta duraçaõ ſe naõ deſmente:

Hé ſempre a meſma; entendo, q̃ procura,
Se acaſo além da mórte hum peito ſente,
Deſcer tambem comigo á ſepultura.

SONETO.

FEre igualmente amôr o Rico, o Póbre,
O Môço, o Velho, em fim tudo ſujeita;
E ás vezes onde menos ſe ſuſpeita,
Arde mais vivo, quanto mais ſe encóbre.

Faz q̃ hum Heróe ao ſeu podêr ſe dóbre,
Que deſvaríe hum Sábio; e naõ reſpeita,
Nem da cabana a eſphera mais eſtreita,
Nem do Palácio o reſplendôr mais nóbre.

Nem dentro dos grilhões de hũa clauſura,
Contra os tiros cruéis do Aventureiro,
Encontra ſácro abrigo a formoſúra.

Rompe pelo impoſſivel derradeiro;
Combate as honras, a virtude apûra;
E aliſta por vaſſallo o mundo intèiro.

SO-

SONETO.

(ceio
EU cômo, eu bebo, eu durmo, e ſem re-
Do que há de vir a ſer, a vida paſſo,
Ora de Nize no gentíl regaço,
Ora das Muſas no ſonóro enleio.

A's vezes péſco, ás vezes jógo, ou leio,
E tôrres vãs tambem no vênto faço;
Depois me vou meter naquelle eſpaço,
Onde Deſcartes tinha o ſeu paſſeio.

De lá mil Orbes vêjo, e de improvízo
Soltando ao penſamento as vagas vélas,
Turbilhoens de cryſtal ſem mêdo pízo.

E pondo-me por címa das Eſtréllas,
Deſcubro a terra em baixo, e me dá rizo,
Contemplando do mundo as bagatellas.

SONETO.

De textos o Theólogo munido,
De aforiſmos o Médico, e o Letrado,
De tanta Ley, tanto Doutor cercado,
Trazem o mundo todo confundido.

Os Bens, o Côrpo, a Alma, reduzîdo
Nos tem com mil queſtoens a tal eſtado,
Que o abſurdo mayor, ſe he diſputado,
Faz duvidôzo o ponto mais ſabîdo.

A verdade entre os táes ſe desfigura;
E das opinioens na competencia
Hé tudo incérto, e nada ſe ſegura.

Sem dûvidas em fim naõ há ſciencia:
Mas o mal hé, que nellas ſe aventura
A Fazenda, a Saûde, a Conſciencia.

SO-

SONETO.

NAõ hé só, que na Côrte se recrêa
Com nomes estrondósos a vaidade;
Porque a ambiçaõ até na soledade
Emprêgos fórma, e titulos grangêa.

O Barbeiro hé Doutor na sua Aldêa,
O Lavrador Morgado, o Cura Abbade;
E a Sobrînha, imitando as da Cidade,
Quer Senhorîa, e Dona se nomêa.

O Juiz do Concêlho hé reputado,
Como se fosse hum Rey de Augûsta Stirpe;
E hé tîdo hum Escrivaõ por Magistrado:

E sem que esta illusaõ se lhe dissipe
Da fantasîa vã, quer ser tractado
Qualquer Capitaõ Mór, Conde de Lipe.

SO-

SONETO.

SE o génio a querer bem te persuáde,
O génio segue ó Nize ; que a belleza
Tributos tambem paga á Natureza
Nas humildes paixoens da humanidáde.

Respira : pois benigna a nossa Idáde
Desabásos permitte á gentileza ;
Que fôra dar mais fôrça á chamma accêsa,
O negar-lhe de todo a liberdáde.

Cêda a glória ao amor : pois já taõ dúra
Se naõ sóffre da honra a tyrannîa ;
Apérta hum pouco sim, mas naõ apúra.

E se amar crime foi em algum dia ,
Tem hoje contra os gólpes da censúra
Em mais de hũ grande exemplo a apología.

SO-

SONETO.

JA' que eſta noite o ſomno ſe demóra
A entrar na ſolidaõ deſte apoſento,
Vamos por eſſe mundo, ó penſamento,
Antes, que o dia traga a rôxa Auróra.

Governemo-lo em ſecco: e delle fóra,
Como quem vê da praya o mar violento,
Dêmos a quem navéga arbitrios cento,
Que póde ſer, que algum lhe ſirva agóra.

Dizem por hi; que tudo o Inglez abráza
Em tantas Náos, como atéqui coſtúma;
Mas eu lhas fundirei dentro de Cáza.

Dem-me qualquer Rapaz, q̃ de hũa em hũa
Vá lançar no payol huma ſó braza;
Que eu lhe farei que todas lhas conſúma.

SONETO.

ENcosta, Nize, a róca, e na costura
A agulha préga, sem pêgar mais nella,
Que o contînuo lavôr, que te disvélla,
Se hum tempo foi decóro, hoje hé loucura.

De nossos bons Avós na idade dura
Se honrava n'almofada huma Donzella;
Porém hoje hé sómente illustre aquella,
Que em vez de trabalhar, brincar procura.

O génio pois do Século presente
Deixa correr; a elle te accomóda;
Que he Louca toda aquella, que o desmente.

Jóga, dança, passeia, faze róda
Entre os Perάltas vaõs, e até consente,
Que te fallem de amôr, que o manda a móda.

SO-

Ironia critica.

SONETO.

IDe, Damas do Pôrto; ide ao passeio,
Ao Theátro, ao Café, ao Jôgo, á Dánça;
Deixai-vos vêr, enchei-vos de esperança,
E sêde dôce objecto ao nosso enleio.

Ide: que o tempo passa; e de eras cheio,
Se se naõ logra, nunca mais se alcança:
E talvez n' uma tîmida tardança
Se perde o instante d'um feliz recreio.

Idé, vinde, voltai; e o vaõ cuidado
De hum falso pondonôr occupe aquellas,
Que tem huma Mãy séria, hum Pay pezado.

Ou fique para algumas taõ singéllas,
Que julgaõ naõ podêr tomar estado,
Depois que se desfazem de Donzellas.

SO-

Critica á perdiçaõ dos costumes.

SONETO.

SE a Mulher por naõ ſer Anacorêta,
Afaſtada do mundo, e tracto urbáno;
Se o Homem por civîl, palaciáno,
Saõ objécto da crítica indiſcréta:

Todo o genero humano entaõ ſe mêta
Nos Clauſtros do Buſſáco antes d'hum anno:
Mas o meſmo, que préga o deſengano,
Talvez naõ comerá taõ dura pêta.

Pois a naõ a comer; qual he o fructo
De ſeu conſêlho? Quanto á mim apóſto,
Que o triſte paga á inveja o ſeu tributo.

Que quem com taõ ſofiſtico ſuppôſto
Neſte ponto argumenta; a naõ ſer bruto,
Hé ginja antigo, e deſtes do meu gôſto.

Contra a critica do Auctor por hum Anónimo.

SONETO.

EU naõ digo que ſeja Anacorêta
A Mulher, nem que deixe o tracto urbáno;
O Homem póde ſer palaciáno,
Sem loucura ſeguir taõ indiſcréta.

Mas ſe tu tens mulher, diz-lhe ſe mêta
Neſſes tractos civîs; que antes de hum anno
O tempo te dará o deſengano,
Chorando ſem remédio a dura pêta.

Porém creio naõ hei de tirar fructo
De taõ juſto conſèlho; porque apóſto
Que pagas á vaidade hum graõ tributo.

Pratica as francezias; no ſuppôſto
De que á fôrça te queres fazer bruto,
E ſer meſmo Cornélio por teu gôſto.

SO-

Repoſta do Auctor.

SONETO.

OH vós, Sábios Varões, q̃ lá na Aldêa
Aos filhos lições dais de economía,
E lhe ensinais, que a luz de huma bugía
Faz despêza maior, que a da candêa:

Vós, que ao lûme comeis no invérno a cêa
De caldo de unto, e de batáta fría,
Que tendes hum rôcim na estrevaría,
E hum Moço só, que as hortas vos grangêa:

Vós fazeis muito bem, poupai, q̃ hé justo;
Que hum Fidalgo talvez se condecóra
Em naõ causar aos seus Credôres susto.

Poupai, e sêde Illustres muito embóra;
Mas querer Senhoría a pouco cûsto,
Isso se usa no Pôrto, e naõ cá fóra.

SONETO.

MUſas trajai de luto deſcontentes,
E ſôbre as bórdas do ſobêrbo Douro,
Os inſtrumentos marchetados d' ouro
De algum trônco infeliz deixai pendentes.

As grináldas depônde, e as doutas frentes
Cingí de murta infauſta em vez de Louro;
Porque ſérvem as gálas de déſdouro,
Onde ſe vém as lágrimas deſcentes.

Em fim chorai, pois quiz a tyrannía
Do caſo mais cruél, que urdio o fádo,
Desfazer-vos do Pôrto a Academía.

Só reſervai por breve deſenfádo,
O podêr de rebuço ir algum día
Ouvir tocar vióla o Corcovádo.

SONETO.

INunde o már as áridas campanhas;
Trêmaõ os Reynos, tombem-ſe as Cidades;
E ferida de mil iniquidades,
Revôlva a terra as trémulas Entranhas.

Funda-ſe o mundo em fim, q̃ iras tamanhas
Saõ menores, que as noſſas impiedades:
Sepulte de huma vez tantas maldades
Do Abyſmo a boca, a quéda das montanhas.

Mas que rebélde eu ſou! que delinquente!
Porque vejo, ó Senhor, e naõ me eſpanto,
Gemêr em convulſoẽs o Continente.

Que ſe há de eſperar mais, ſe aſſombro tanto
Os montes móve, e naõ commóve a gente?
Dévem os homens carecer de pranto.

Ao Terremóto de 1755.

SONETO.

(-sôa
QUe escuto, e sinto, ó Deos! Naõ sey q̃
Por modo nunca ouvido: o Téjo cresce:
Abállaõ-se as montanhas; e parece,
Que o már com nóvas ôndas nos atrôa:

Casas, Palácios, Templos despovôa
Este medônho som, que me esmorece:
A gente pasma, a terra se estremece:
O fogo prende; e funde-se Lisbôa.

Que será? Quem o sabe?.. O entendimento
Se perturba de horrôr; e em tanto estrágo
Está vendo hum final acabamento.

A' Lisia! queira o Céo que hoje preságo
Naõ seja o combatido pensamento!..
Lembre-te Tróya, avise-te Carthágo.

SONETO.

GEme o Centro mortal, o Abysmo estálla,
O Vênto se enfurece, o Céo se enluta;
Do mais enórme pêzo a massa bruta
Rómpe em soluços, em tremôr se abálla.

O már o seu prefixo termo escálla;
Na prisaõ subterranea o fogo luta,
E horrôres vomitando em cada gruta,
Com medônho estridor o Inferno falla.

Tanta desordem, tanto desconcêrto
Nos Elementos todos, saõ indício;
Que a ruína universal vém já mui pérto.

E o mais cérto signal do precipicio,
Hé crescer sem temôr o desacêrto,
E subír nos mortaes sem têrmo o vicio.

SONETO.

SE nesse dia em fim, que hum anno agóra
Completa infausto, a discorrer me pônho,
Parece que deliro, finjo, ou sônho,
Todo suspenso, todo de mim fóra.

Do Juizo universal a infeliz hóra
Foi retrato taõ vivo, e taõ medônho,
Que até se ouvía ao longe o som tristônho
Da trombêta fatal despertadôra.

Hum anno há que bráda a Providencia
A Portugal: e Portugal naõ tóma
De Sodôma, e Nínive a experiencia.

Acabe pois, que a vára já se assôma,
De Nínive a imitar a penitencia
Por fugir aos estragos de Sodôma.

SONETO.

ESTes da terra barbaros tremôres
Fazem que evite arrependida a gente,
Os jogós vãos, a muſiça cadente,
As bellas Venus, os gentiz amôres.

Todos mudaõ de vida nos horrôres
Deſte caſo infeliz; e taõ ſómente,
Cingido de cilício penitente,
Envia o mundo ao Céo triſtes clamôres.

Sigamos pois com animo devóto
Os meſmos movimentos de piedade,
Que dos mais homens na mudança nóto.

Rompamos os enleyos da vontade;
Mas ay que em ſe acabando o Terremóto,
Eſquecé-ſe o temôr, lembra a vaidade!

SONETO.

DOrme em pobre aduár; porém sem susto
Tremer a Terra o vágo Arábe sente:
Na Cenzália o Tapúya; e dócemente
Na tôsca tenda o Tartaro robusto.

Fabríca cada qual repáro justo
Já contra o frio, e contra a calma ardente;
Sem que esta, que se chama inculta gente,
Têma o despenho do Palacio Augusto.

Assim, douto Azevedo, hoje te ensína
A rûde convulsaõ, que o mundo abána,
A seguir dos Salvagens a doutrína.

Na chóça está segura a vida humana:
Nella descança; pois que da ruína
Se livra por humilde huma Cabána.

SO-

SONETO.

EU bem ſei, Portugal, que tu naõ quéres
Que ninguem te deſcubra as tuas faltas :
Tu folgas de prazer de gôſto ſaltas;
E diſto as conſequencias naõ inféres.

Vês homens miſturados com mulhéres
Em banquetes, em jógos, danças altas;
Ellas na caſquilhice mui Perάltas,
Elles na chibantice todos éres.

Ah pobre Portugal! Muito me eſpanto,
No que nóto no teu contentamento,
Devendo ſer em ti contínuo o pranto.

Eu bem ſei, que o reſpeito hé muito attento;
Mas ſempre há de cahir, quem naõ fôr Santo,
Ou por obra, palavra, ou penſamento.

SONETO.

A Manhã frêſca eſtá, ſerêno o vênto;
O monte vêrde, o rio tranſparente,
O boſque amêno; e o prádo florecente
Fragáncias exhalando cento a cento.

O Peixe, a Ave, o Bruto, o branco Armento;
Tudo ſe alegra; e até ſahir a gente
Dos ruſticos caſaes ſe vê contente,
E diſcorrer com vário movimento.

Eſte cáva, outro ceifa, e aquelle o gádo
Traz no campo a paſtar de pôſto em pôſto;
Outro péga na fouce, outro no arádo.

Tudo alegre ſe moſtra; e ſó diſpôſto
Tem contra mim o indiſpenſavel fádo,
Que em nada encontre allívio, em nāda gôſto.

SO-

S O N E T O.

Oh quanto custa, Nize, o nosso affecto!
Peleija-te huma Máy, ralha huma Tía;
Hum Irmaõ te incommóda, e desconfía
Hum Pay, que se accautela circumspecto.

Da noite nos põem mêdo o negro aspecto,
Hum Rebuçado passa, outro assovía;
Ládra hum caõ, range a porta, e nos vigîa
Algum visinho teu pouco secréto.

Este o diz a qualquer; outro lhe augmenta
Hum ponto mais, que ao nosso caso ajustá;
Outro em fim na palestra o representa.

Publíca-se o successo; e a sorte injusta
Com remórsos depois nos atormenta:
Oh quanto, Nize, o nosso affecto custa!

SONETO.

NIze, eu naõ ſou de férro, e atenuádo,
Ainda que o fôra, o uſo me tería;
Porque em fim do trabalho na porfía
Se conſóme o metal mais obſtinádo.

Inſtrumento naõ há taõ reforçádo,
Que reſiſta do tempo á batarία:
Gaſta o martello a ſáfra, e a terra fría
Pouco a pouco conſóme o curvo arádo.

Tudo aſſim he: o amôr o mais ardente,
No contínuo incendio ſe evapóra;
E o meſmo me accontece ultimamente.

Outro procura pois; e te melhóra
De amante, ou mais aſſouto, ou mais valent.
Que eu já naõ poſſo mais; fica-te embora

SONETO.

NIze, fica-te em paz: que ou tarde, ou cêdo
Se havia de deixar tanta loucúra;
E o mundo obſervador, que tudo apúra,
Seja a quem fôr, naõ quer guardar ſegrêdo.

Todos fazem reparo; e eu tenho mêdo
De ſer objecto da mordaz cenſúra:
Hum, de nós ſe laſtíma, outro murmúra
Outro zõba, outro em fim nos móſtra ao dêdo.

Naõ dêmos que fallar: rôta a corrente
Se pendure no Templo da decencia;
E ſe tape com iſto a boca á gente.

E ſe inda algum gritar, haja paciencia;
Que fazendo-ſe a emenda aos mais patente
Baſta a vencêllo a fôrça da innocencia.

SO-

SONETO.

CAlmou-ſe o Vênto: e o Sól, q̃ as horas (guía,
Com fôrça tal por toda a parte intéſta,
Que o triſte Lavradôr limpando a téſta
Reſiſtir já naõ póde ao meio día.

Cada qual dos ſeus ráios ſe deſvía:
Na Lápa o peixe, a Ave na floréſta,
Na cóva o bicho; e os homens vaõ da féſta
Refúgio procurar na ſômbra fría.

Hũ ſe encóſta, outro aſſenta, outro deitado
Da rélva faz colchaõ, do Campo leito:
E tudo á frêſca dórme ſocegado.

Eu taõ ſómente todo o abrigo engeito;
Porque ás chammas de amôr acoſtumado
Sinto maior calôr dentro no peito.

SO-

SONETO.

OLha Nize, vém cá; fallemos cláro:
Já agora a tua hiſtoria eſtá ſabída;
E loucura ſerá mudar de vida,
Se nunca há de callar-ſe o mundo aváro.

Inda que, de virtude exemplo ráro,
Te moſtres do paſſado arrependída,
Nada com iſſo alcanças; que perdída
A honra huma ſó vez, naõ tem repáro.

Se faltás-te ao devêr, e a ſorte eſcura
Etérna nódoa ſobre ti derrama,
O affecto ao menos conſervar procura.

Tórna outra vez de amor á dôce chamma;
Que ſerá duplicar a deſventura,
Perder o Amante, e naõ cobrar a fáma.

SO-

SONETO.

Eil-lo lá vém; que já na sômbra fría
Se escorde alli daquella vêrde planta;
E apênas abre o bico, e a voz levanta,
Objécto hé de temôr, e zombaría.

Téme o Casado o mal, que lhe annuncía;
O solteiro se rí: pois quando canta,
Se com presagios ao primeiro espanta,
Avisos gratos, ao segundo envía.

Chóte d'ahi, Ave importuna, e feia;
Vai-te pousar em ramos mais subídos,
E deixa em paz os matos desta Aldeia.

Lá tens do Douro os Alamos crescídos,
Onde gente polída só passeia;
E onde agouros naõ crém tantos marídos.

SONETO.

NAõ ſe déve eſtranhar a quẽ murmúra :
Foi ſempre o mundo aſſim ; e a noſſa idáde
Produz com infeliz fecundidáde
Gente que tudo róe , tudo cenſúra.

Para os quaes naõ há couſa mais ſegúra
Que moſtrar á mordáz malignidáde,
Que me ſei emendar, ſendo verdáde,
Que a poſſo deſpreſar ſendo impoſtúra.

Na emenda a ficar venho melhorádo ;
Ayrôſo no deſprêſo : e conſeguído
Tenho ſempre algum bem ſendo notádo.

E aſſim hum fallador enfurecído
Em vez de dar-me cauſas de indignádo,
Me miniſtra raſões de agradecído.

SO-

SONETO.

OH mal haja da França a habilidáde,
Que aſſim nos impingío os ſeus coſtúmes
Nas merendas, nos jógos, nos perfúmes,
Com que vai eſtragando a mocidáde.

Andarem de contínuo em ſociedáde
Os homens, e mulheres em cardúmes,
Sem cautélas, receios, nem ciúmes;
E a iſto haõ de chamar civilidáde!

Olhai, homens coitados, a quem tóca
Zelar a propria honra com diſvéllos,
Que a experiencia a todos vos convóca:

Vigiai, e vereis, que eſſes Marméllos
Namóraõ com os olhos, com a bôca,
Com os pés, com as mãos, e cotovêllos.

SONETO.

Esta, que obrou aonde naſce a Auróra,
Déſtro lavôr de barbara Donzélla;
Eſta, ó Taveira, matiſada ourélla
Deſenróla outra vez como até agóra.

Adórne os Pavilhoens, que amor arvóra;
E em teu podêr acêne á Ninfa bélla,
A' Matròna gentil, e em fim áquélla,
Que ao longe vês, e ençlauſuráda móra.

Recébe-o pois, que hé teu: e ſe a ventúra
Te deparár encôntros mais felíces
Com elle enxúga o rôſto da ternúra.

Porque a mim, a peſar dos ſeus matízes;
Só ſervío, maculando-lhe a figúra,
De limpar o tabaco dos narízes.

SONETO.

SE acaſo dos meus olhos a corrente,
Que triſte ás minhas vózes ſe miſtúra;
Se acaſo o affecto meu te naõ ſegúra,
Abre-me, Ingráta, abre o peito ardente.

O coraçaõ me arranca, e o ſangue quente
Lhe derrama cruél, lhe ſórve impúra;
Verás que em cada gôta entaõ te júra
O amor mais firme, a fé mais permanente.

E ſe ainda aſſim, eſſe teu génio ingráto
Duvidár com incrédula impiedáde
Da conſtante purêza do ſeu tracto;

Vai queimállo nas áras da lealdáde;
E verás como o fumo aos Dêozes grato,
Se eleva aos Céos, guiado da verdáde.

SONETO.

OU tu soffre, Senhôra, o nosso affécto;
Ou deixa de ser bella, na certeza
Que em quanto te assistir tanta belleza,
Os teus láços traráõ o mundo inquiéto.

Naõ querer ser amada, hé hum projécto,
Que offende as mesmas Leis da Natureza;
Pois ella só produz a gentileza,
Para a fazer de amôr hum dôce objécto.

Dos nossos cultos pois intolerante
Naõ déves ser; porque he pensaõ forçóza
Render á formosúra a fé constante.

E se inda assim nos culpas rigorósa;
Conhece, que se hé críme o ser amante,
Será tambem delicto o ser formósa.

SONETO.

JUrou-me, Nize, hum dia, e na lembrança
A grande imprecaçaõ tenho presente;
Jurou-me que a partisse hum raio ardente,
Se houvesse de fazer no amôr mudança.

Affirmou-mo com tanta segurança,
Disse-mo taõ devéras; que eu contente
Cuidei que assim sería, e finalmente
Puz de parte a fiél desconfiança.

Mas enganou-me a falsa; sem que irádo
Contra a gentíl sacrílega perjúra
Fulmíne o Céo o fogo deprecádo.

Pois que dar-lhe o castigo naõ procúra;
Ou Jupiter naõ póde, ou namorádo
Tambem guarda respeito á formosúra.

SONETO.

A Corrente cruél, com que até agóra
Amôr prêzo me traz, por mais que eu fáça,
Nem com o uſo os élos adelgáça,
Nem com a lima em parte ſe minóra.

O tempo que até mármores devóra,
Que tudo róe, que tudo deſpedáça,
O tempo digo, o tempo em fim ſe páſſa,
Sem que da plânta má ſacûda fóra.

Bronte aduſto a forjou na frágoa accêza,
A donde o cégo Nume outras tem feito,
Mas nenhuma com tanta fortalêza.

Porque quiz por deixar-me mais ſujeito,
Batêr hum férro de maior dureza;
E Nize lho inculcou dentro em ſeu peito.

SONETO.

AMôr, hé hum arder, que ſenaõ ſente;
Hé ferída, que dóe, e naõ tem cúra;
Hé fébre, que no peito faz ſeccúra;
Hé mal, que as fôrças tira de repente.

Hé fôgo, que conſóme occultamente;
Hé dôr, que mortifica a Creatúra;
Hé áncia a mais cruél, e a mais impúra;
Hé frágoa, que devóra o fogo ardente.

Hé hum triſte penár entre lamentos;
Hé hum naõ acabár ſempre penando;
Hé hum andar mettido em mil tormentos.

Hé ſuſpíros lançár de quando,em quando;
Hé quem me cauſa eternos ſentimentos;
Hé quem me mata, e vida me eſtá dando.

SO-

SONETO.

O Dia vai perdendo a claridáde,
O gado deixa o pasto, e se espaventa;
A ave incérta vôa, e se affugenta,
Agourando a pendente tempestáde.

De hum medônho pavôr a soledáde
Parece que se cóbre; chóve, venta,
E em relampagos trémulos rebenta
Daquella núvem nêgra a escuridáde.

Acolá deu hum raio, que aturdído....
Mas lá vem Nize, e vem com tal cuidádo,
Que bem mostra o temôr...Tenho entẽdído.

O mêdo a trás: e eu sou taõ desgraçádo,
Que para vêr-me a ella hum pouco unído,
Hé preciso, que encontre o Céo irádo.

SO-

SONETO.

Tu queres, Nize, oh quanto pódes, quanto
Sobre o ſacro podêr da liberdáde!
Tu queres, que a chorada falſidáde
Se deſdiga outra vez em novo canto.

Que o mundo tórne a ouvir, com mudo eſ- (panto,
Chamar-te em vez de falſa, Divindáde:
E em lugar de culpar-te a variedáde,
Dizer que ſempre foſte o meu encanto.

Aſſim ſerá, ſe ficas bem comígo:
A vergônha, o dever rompe, e atropélla;
Que eu me ſujeito a tudo por caſtígo.

Oh vós, que já me ouviſtes ſem cautéla
Contra Nize gritar; eu me deſdígo:
Se faço mal, naõ ſei; ſó ſei, que hé bella.

SO-

SONETO.

EU ví fender sem mêdo o ráyo ardente
Daquella tôrre a abóbada sombría,
E tanto estive em mim, que, me sorría,
Quando se lamentava a mais da gente.

Eu nem sei se atrevido, ou se valente
A vî tremer naquelle infausto día,
Que mostrava, que a terra se fundía,
Ou se desconcertava o Céo luzente.

Qualquer extraordinário movimento
Primeiro pelo estudo contempládo,
Já me naõ sobresalta o encantamento.

Sómente de pavôr fico assombrádo,
Pásmo, fóge-me o sangue, e desalento;
Quando sinto de Nize hum desagrádo.

SONETO.

SEnhôra Nize, a verde mocidáde
Já lhe tem ditto a Deos, tenha paciencia;
Porque Dama naõ há, que reſiſtencia
Saiba fazer dos annos á crueldáde.

Tudo o tempo deſtróe: e eſta verdáde
Principía a chorar voſſa Excellencia;
Quando naõ, metta a mão na conſciencia,
E moſtre a certidaõ de ſua idáde.

Deixe-ſe pois de entrar nas Danças altas;
De aſſemblêas, de jógos; finalmente
De ouvir Cadêtes, e eſcutar Peráltas.

Olhe que já por hi murmúra a gente;
E lhe diz que depois de cértas faltas,
O ter ſóbras de amor fica indecente.

SO-

SONETO.

DEraõ-te Illuſtres Pais, bello Innocente,
Do ſangue que te aníma o movimento:
Deu-te hum Principe a maõ no Sacramento,
Que outro ſêr te formou mais permanente.

Do Eſpirito Celéſte a chamma ardente
Te faz maior no dia o luzimento:
Tudo em fim grande foi, porque portento
O mundo já do bêrço te exprimente.

Vaticine-te logo o vágo engénho
Felicidades mil; pois neſte día
Por ti já moſtra o Céo taõ raro empénho.

Mas aonde me leva a fantazía!
Se a fortuna fará no deſempénho
Diminúta a mais grande profecía.

SO-

Ao Naſcimento do Primogénito de Theotónio Manoel de Magalhaens e Azevedo, de quem foi Padrinho o Sereniſſimo Senhor D. Jozé Primáz de Braga.

SONETO.

(gante,
HUm homem com hum chambre roça-
Com óculos, chinellas, e barrête,
Sentado em hum pequeno tamborête,
Quatro livros de trás em huma estante :

E tendo pela parte de diante
Vários Feitos mui velhos n'hum bofête;
Tambem, para chamar pelo Paquête,
Campainha que tóque a cada instante :

Na salla seis cadeiras encouradas,
Tinteiro muito bem aparelhado,
Humas Ordenaçoens muito cotadas :

Fingir-se a quem entrar muito occupado ;
Olhar se sóbe alguem pelas escádas ;
Eis-aqui, meus Senhores, hum Letrado.

SONETO.

EU que me rí dos vaõs encantamentos;
Que a Mágica ſagaz nos promettía,
Das cífras vãs, das ervas que colhía,
E dos ſeus infiéis promettimentos.

Que tive por goſtózos fingimentos
Os bens, que aos ſeus alumnos offerecía;
Em fim, eu que fiz ſempre zombaría
Dos apparátos ſeus, dos ſeus protentos:

Eu mudei de ſiſtêma; pois me obriga
A verdade a que creia eſſes eſpantos,
Que nos guardou tenaz a idade antiga.

E ſe alguem duvidár de aſſômbros tantos;
Ouça cantár a Arminda; e depois diga,
Diga, ſe hé certo, ou naõ, haver encantos.

SONETO.

QUe se lhe há de esperar! De día, em día
Naõ se dilate, ó Nize, a penitencia;
Que quando hé contumaz a resistencia,
Desabôna o perdaõ na rebeldía.

Deixe-se o antigo enleio; que sería
Insultar todo o Céo na presistencia;
E o remorso subtíl da consciencia
Rôa em fim o grilhaõ, que nos prendía.

Eu resolúto estou; porque contrário
Naõ quero ser á voz, com que a piedáde
Branda me báte ao peito temerário.

A Deos! Viva a razaõ, morra a vontáde:
Fallou-me ao Coraçaõ o Missionário,
As vozes ainda escuto da verdáde.

SONETO.

EMbóra jácte hũ Sàbio hũ firme alento,
Hum coraçaõ robusto, huma alma fórte,
Capaz de desprezar da infausta sórte
O mais feroz, o mais cruél tormento.

Sobre os hombros do mudo soffrimento
Do fado iníquo as semrazoens suppórte;
E veja, sem pavôr da escura mórte,
Fundír-se o chaõ, cahír-se o Firmamento.

Eu tudo lhe concêdo; únicamente
Lhe péço, que contemple hum breve instante
Dos olhos de Beliza a luz ardente.

Depois se a resistír-lhe for bastante,
Rômpa as artérias, Sêneca prudente;
Trague a Cegúde, Sócrates constante.

SO-

SONETO.

ASsim que hum homem nasce, principía
Esta vida infeliz com tal quebranto,
Que parece que o Céo, ainda que Santo,
Só para o vêr chorar no mundo o cría.

Abre os olhos mortaes, mas desconfía
Na suspensaõ do seu primeiro espanto,
Se lhe para os encher de triste pranto,
Se para receber a luz do día.

Nenhum se izênta desta ley taõ dúra;
Pois com presagio infausto a sórte avára
Logo ao nascer as lágrimas apúra.

Só tu de excélsos Pays, Próle preclára,
As déves enxugar, porque a ventúra
Triunfos mil n'este arco te prepára.

E SO-

A hum Arco, que se levantou ao Nascimento do Primogénito de Manoel Cardôzo de Loureiro Vasconcellos e Lacérda.

SONETO.

DEvêis, Infante bello, o naſcimento
Ao Conſorte da Virgem Sacro-Sancto;
Porque, para formar prodigio tanto,
Vos deu ſeu Patrocinio hoje o alento.

Devêis a glória toda do Portento
A' Protecçaõ feliz do grande Santo;
Porque junctos vos deu com noſſo eſpanto
O dia, o luſtre, o nome, o luzimento.

Mas de quanto devêis, a conjectúra
Preſume com diverſa ſubtilêza,
Que querêis com o Céo fazer uzúra;

Pois devendo a Jozé tanta grandêza,
Tendes no meſmo empenho mais ſegúra
De graças immortais maior riqueza.

SO-

Ao meſmo aſſumpto, com a circunſtancia de naſcer em dia do Patrocínio *de* S. *Jozé, e pôrem-lhe o meſmo nome.*

SONETO.

CReſcei Jozé gentíl, as nóbres frêntes
Aos egrégios Loureiros preparando,
Que para vos ornar foraõ cortando
Os voſſos ſempre cláros Aſcendêntes.

Creſcei felíz, as pálmas innocêntes
A deſpender riquezas enſaiando,
Que os Vínculos agora deſcançando
Eſtaõ no ſucceſſôr já permanêntes.

Em fim creſcei; moſtrando produzída
Agraça, neſſe aſpecto ſempre púra;
A virtude, neſſa Alma ſempre unída.

Serêis, (pois tudo o Céo vos aſſegúra,)
Serêis da bella Mãy prenda querída,
Serêis do Illuſtre Pai glória ſegúra.

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

CRefcei forte, gentíl, preclaro Infante;
Crefcei, moftrando já, com raro effeito,
Do egrégio Pay o animo no peito,
Da excélfa Mãi, a graça no femblante.

Alcides fez o mefmo; e foi baftante
A deixar vêr, ao bêrço inda fujeito,
Que para fer Heróe o havia eleito
Defde as fáxas pueríz o Céo brilhante.

Vós o imitáes, Meníno: e por certêza
De ficar vaticínio, a conjectura
Vos abôna o valôr, e a gentilêza.

E tanto efta efperança fe fegúra,
Que já fazêis amavel a vivêza,
E oftentáis refpeitada a formofúra.

SO-

Ao mefmo affumpto.

SONETO.

Porque inventou fazer d' Alma notória
Qualquer occulta idéa em bréve efcrípto,
Naõ devêra efperar o Heróe do Egípto,
Nem fómente hum louvor da douta hiftória.

Deffa fua invençaõ lhe rouba a glória
O fazer do papel largo deftrícto
Para tantas traiçóes, cujo delícto
Lhe deixa deteftavel a memória.

Expõem-fe a mil defaftres, e fujeito
Vive todo o fegrêdo a fer patente;
Que ás letras confiou léve conceito.

Hé Nize difto a prova: incautamente
Sobre hũ papel lhe expuz todo o meu peito;
Ella o moftrou: foi Cadmo * o delinquente.

SO-

* *Cadmo enfinou aos Gregos o ufo do Alfabeto.*

SONETO.

(harmonía,
MUsas, deixai-me em paz, q̃ a heróica
Cõ q̃ adornais de novo a lingua Portuguêza,
Dos rudes lábios meus mettida na durêza,
Em vez de consonancia horrores causaría.

De engénho mais feliz occupe a valentía
Métro, q̃ de hũ Heróe tẽ nome, e tẽ grãdêza;
Que eu para me surrir d'algũa louca emprêza,
Nos numeros da Pátria encôntro a melodía.

Mas se vós pertendeis cõ temerário intento
Lançar do sácro monte aquelles vérsos fóra,
Que fazem immortal o Luzo atrevimento;
(róra,
Que cõduzindo o Gama ás Regioẽs d'Au-
Lhe saõ da gloria sua etérno monumento:
Musas, se tal querêis, fique-se o Pindo ẽbóra.

SO-

Aos vérsos Alexandrinos.

SONETO.

Mertilo. NIze, de duas hũa; pois sería
Continuar na noſſa oppoſta emprêza,
Em mim, mais do que exceſſo de finêza,
Em ti mais que rigôr de tyrannía.

Ou eu dêvo deixar eſta porfía,
Ou tu déves depôr tanta ferêza:
Eſcolhe, evitarêmos a incertêza
Se póde mais o amor, ſe a rebéldía.

Nize. Se o teu empenho ſó niſto conſiſte,
Eu o tenho que fiques ſatisfeito
Da queixa, que contrária nos aſſiſte.

Naõ déve o teu cuidado ſer acceito;
Porque quem na finêza naõ perſiſte,
Naõ póde ter paixaõ de amor perfeito.

SO-

SONETO.

(vída,
A Deos (que trifte a Deos!) A Deos ó
Que affim o determina a dura fórte:
Naõ há mais que efperar; o fatal córte
Executa o precizo da partída.

Naõ tem remedio: eu vou, prenda querída,
Sentindo dentro n'alma a dôr mais fórte:
Eu naõ fei como há peito que fuppórte
A vehemencia cruél defta ferída!

O' vós que amantes fôis, e q̃ a violencia
Sentiftes de hum retíro, por piedáde
Fazei-me no meu mal correfpondencia.

Dizei-me, fe haver póde mais crueldáde,
Que padecer o gólpe de huma auzencia,
Quem fábe fentír bem huma faudáde.

SO-

SONETO.

EU bem as ví, mas foi, Rócha erudíto,
Arrotar taõ de xófre d'entre o máto,
Que o Caçadôr hum pouco eſtupefácto,
Em lugar de atirar-lhe, deu hum gríto.

Paſſáraõ-ſe depois a tal Deſtrícto,
Donde apenas trepar podéra hum gáto;
Sem fallar no deſconto de hum regáto;
Que reſiſte ainda aos ſáltos de hum cabríto.

Niſto chegou a noute: e ao outro día,
Ou porque o caõ levava máos narízes,
Ou porque alguma Vélha nos benzía;

Corrêmos ſem topallas mil Paízes:
Bem ſei que iſto ao primôr me naõ deſvía,
Mas eſta hé toda a hiſtoria das Perdízes.

SONETO.

AH pobre Coraçaõ como no peito
Palpitas, ainda amante d'huma Ingráta,
Que com tantos desprêzos te maltrácta,
Que tantas falsidades te tem feito!

Inda escrávo fiél vás com respeito
As corrêntes beijar, que amôr desáta;
E a barbara infiél, que assim te trácta,
Rindo alegre de vêr-te taõ sujeito.

Ora acábe huma vez pena taõ dúra,
Sem que o teu movimento descompônha
Huma céga paixaõ que há tanto dúra.

Hum firme desengano te dispônha
A deixar de huma vez esta loucúra,
Quando naõ por vontade, por vergônha.

SONETO.

BRuta montanha, barbaro rochêdo,
Altas penhas, medônhos precipícios,
Do templo do deſpenho fronteſpícios,
Ou rudes ſimulácros do ſegrêdo:

Aqui donde o pavôr, e donde o mêdo
A' viſta off'recem fúnebres indícios;
E para os mais infauſtos ſacrifícios
As aras fórmaõ de qualquer penêdo:

Aqui de Lizia ingrata abandonádo,
Funéſta habitaçaõ hé bem que ténha
Triſte, ſaudozo, amante, e deſgraçádo.

Só aſſim minha dôr ſe deſempénha:
Porque poſſo encontrar deſeſperádo
O remédio a meu mal em cada pénha.

SO-

SONETO.

SE o ſeu deſtino cada qual formára;
Mil capríchos no mundo entaõ vería;
Víra hum Rey que a Paſtôr ſe abatería;
E hum Paſtôr, que a ſer Rei ſe ſublimára.

Modéſto algum as pompas deſprezára;
Outro ſobêrbo as honras buſcaría;
Eſte deſcêra, aquelle ſubiría;
E outro a ſer o que foi talvez tornára.

Eu meſmo, bem q̃ em pouco me magôa
O que a ſórte me deu taõ triſte eſtádo,
Eu meſmo mudaría de peſſôa.

Fôra Fráde talvez, talvez Soldádo;
Tudo o mais fôra (Nize em fim perdôa)
Mas naõ ſería em tempo algum cazádo.

SONETO.

SE a viſta lanço á Trópa Portuguêza;
Se ao Luſitano eſtudo o penſamento,
Naõ ſei julgar ſe as Armas de ornamento,
Se ao Reino as letras ſervem de defêza.

Parece que, mudada a naturéza,
Equivócaõ de ſorte o luzimento,
Que as Eſquadras ás Leis daõ fundamento,
Que a Sciencia á Milícia dá firmêza.

A uniaõ foi feliz, e taõ preclára,
Que ao Patrôno immortal, porquem floréce,
A glória augmenta ſim, mas naõ ſepára:

Com igualdade tal ſe enláça, e créſce;
Que Marte a ſeu ſaber glórias prepára,
Apólo a ſeu valor palmas off'réce.

SO-

Ao M. do P.

SONETO.

VInde nóvos Heróes, vinde, e as Cor-(rêntes
Salvai triunfantes do ſobêrbo Douro:
Elle vos vio partir, e ſem deſdouro
Elle outra vez vos vê voltar contêntes.

Venceſtes o Heſpanhol; cingí as frêntes
Da Auguſta palma, e do ſagrado Louro;
E as rôtas Armas guarnecidas de ouro
Deixai no Templo por troféo pendêntes.

Rendei gráças aos Dêozes: as Conſórtes
Conſtantes abraçai; e ao caro Amígo
Da voſſa eſpada referí os córtes.

Hum conte os cazos ſeus, outros o prígo,
As domádas Nações, a guerra, as mórtes;
Mas naõ digais que viſtes o Inimígo.

SO-

SONETO.

A Gente, as munições, o trêm de Guerra,
Em fim a noſſa Armada já tamánha,
Que ora ſeja em Quarteis, ora em Cãpanha
Com cem mil homens o Inimigo aterra:

Turím ſagás, Venêza que naõ erra,
Hollanda aſtúta, e parte d' Alemánha;
Tudo ſe moveu contra a pobre Heſpánha,
Sem fallar nas Eſquadras d' Inglaterra.

A França faz a paz; o Turco a ajuſta;
E outra vez pelo golfo Guaditáno
Paſſar intenta o Mouro em léve fuſta:

Tudo em noſſo favôr e alheio damno
A diſcórdia revólve, e Marte aſſuſta;
O ponto eſtá que o creia o Caſtelháno.

SONETO.

DO tóque do tambôr arrebatádo,
Das lágrimas de Nize commovído,
Digo a Deos. . . Vólto atras. . . e divididó
Me deixa a cada impulſo igual cuidádo.

Ouço o ſignal da marcha, e côrro ouzádo;
Chóra o meu bem, e páro enternecído. . .
E de affectos contrários combatido,
Nem bem Amante ſou, nem ſou Soldádo.

Do devêr e do amor neſta igualdáde,
Os paſſos meus naõ ſei como compônha;
Que o ficar hé labéo, partir crueldáde.

E em quanto cuido em fim qual antepônha,
Lamento do partir toda a ſaudáde,
Padêço do ficar toda a vergônha.

SONETO.

NIze me prometteu, e por certêza,
A's promeſſas juntando juramentos,
Que até nos mais occultos penſamentos
Me havia de guardar fiél firmêza.

Eu aſſim o entendi: cuidei que prêza
Tinha a bella infiél aos meus intentos;
Pois naõ cuidei que feios fingimentos
Sabía produzir huma bellêza.

Ora fíe-ſe lá qualquer amante
Nas promeſſas, na fé, no bello díto,
Para próva de haver amôr conſtante:

Fíe-ſe, vendo a dôr com que repíto,
Que ſoube o mais belliſſimo ſemblante
Encobrír o mais pérfido delícto.

SONETO.

EM quanto tu, douto Miniſtro , attento
Mais ás Leis do devêr, que ás da vontàde,
Moſtras que póde a flôr da mocidáde
Servír no altar d'aſtréa de ornamento:

Em quanto duvidar o penſamento,
Se mais honras a nova Dignidáde,
Em lhe dar maior luſtre na piedáde,
Ou maior na Juſtiça luzimento:

Em quanto em fim, amado Preſidente,
Do Pôvo, ao teu diſvélo encommendádo,
Lhe eſcutas o louvôr o mais decênte:

Em quanto fazes iſto; eu embrulhádo
No grôſſo baetaõ paſſo em Jazente
Com mênos honra ſim, mas ſocegàdo.

SO-

SONETO.

DIz huma austéra Dama, que se accende
O peito mais modésto em qualquer dança,
Porque a maõ que se dá n'huma mudança
Nas algêmas cruéis de Amôr se prende.

Diz q̃ arrísca o pudôr toda a que aprende
A lingua, o trato, e o mais q̃ vẽ de França;
Que o jôgo he máo, q̃ huma assembléa cança,
Que o mundo falla, e o pondonor se offende.

Assim diz; mas em fim aos seus temôres
Lhe respondem sugeitos concertádos,
Que deixe esses fanáticos rigôres;

Porq̃ ao menos saõ gôstos mais honrádos
Escutar claramente alguns Senhôres,
Do que ouvír em segrêdo alguns Criádos

SONETO.

QUando , Dáma gentíl , quando imagí-(no
Das graças , que te adórnaõ, na grandêza,
Entre a tua virtude , e entre a bellêza,
Abſôrto paſmo , e naõ me determíno.

O teu génio parece-me divíno ,
Celeſtial a tua gentilêza ;
E ſou , de dous impulſos na incertêza ;
Fiél adorador , e amante fíno.

Huma tal uniaõ em ti tem feito
O teu recáto , a tua formoſúra,
Que me traz indecizo ſempre o peito :

Pois de hum , e outro affecto na miſtúra,
Te buſco amante , e cuido que hé reſpeito,
Te adóro attento , e julgo que hé ternúra.

SONETO.

PAstôras deste monte, que até agóra
Ouvistes junto ao Támega contente
Cantar Almeno, ou variar cadente
Da atravessada tíbia a voz sonóra:

Vós, que dos annos na primeira Auróra
Logo o vistes brilhar; e finalmente
Destas ribeiras o vereis auzente,
Pois casa além da sérra, e vai-se embóra:

Trajai de luto pois: e em vez de flôres
Cortai na ausencia sua por piedáde
Ramos de murta, emblêma dos horrôres.

Dos rôstos desterrai a claridáde;
Porque, para incentivo dos amôres,
Naõ tendes outro mais, que o da saudáde.

SONETO.

(enleio
EM quanto, douto Amigo, em vário
O teu litigio nunca te descança,
Pois ou te aníma a crédula esperança,
Ou te acobárda o tímido receio:

Em quanto ora a palestra, ora o passeio,
Porque amôr já supponho te naõ cança,
Ora os Livros talvez, que vém de França,
Te servem nessa Corte de recreio:

Em quanto em fim dos vérsos esquecído,
Com que fazer-te rír hum tempo púde,
Dás a mais douto pléctro attento ouvído:

Eu neste albergue solitário, rûde,
Te faço ao meu borralho reduzído,
Com o cópo na maõ esta saúde.

SO-

SONETO.

JA' corre viraçaõ, o Sól declína;
E da môsca importuna livre o gádo,
Deixa o curral, e vai paſtar no prádo
Ao ſôm da frauta, que Silvandro affína.

Acolá vem Daménia, ella imagína,
Que ninguem lhe percébe o ſeu cuidádo;
Olhem a pobre, vejaõ o coitádo,
Como móſtraõ a dôr que os amofína!

Eu tambem, como os outros amadôres,
Hum tempo dos grilhoens fiz louco alárde,
Por iſſo tenho dó dos mais Paſtôres.

Mas já, graças ao Céo, menos cobarde
Zombo de Amôr, e em vez dos ſeus favôres,
Guardo os meus Bôis, em quanto dura a tarde.

SO-

SONETO.

AMôr tudo avaſſalla: a mocidáde,
A velhice, os varoens, a todos accende;
E chega onde talvez menos ſe attende,
Roubando aos coraçoens a liberdáde.

Naõ perdôa no Sólío á Mageſtáde;
Na cabána ao Paſtôr; com tudo entende,
Zômba dos Sábios, os Heróes ſurprende,
Proſtra o valor, e rí da gravidáde.

Até no Sanctuário entrar intenta:
Quebranta férros, cárceres ſolápa;
Capéllos, Vótos, Véos, tudo violenta.

Nada em fim ſe lhe oppôem, nada lhe eſca-(pa;
E ſó do ſeu podêr talvez ſe izenta
Beliza por cruél, por ſanto o Papa.

SO-

SONETO.

SE viras, dôce bem, neste retíro,
Em que a confuza mágoa me tem pôsto,
O estrago com que a fòrça do desgôsto
Me abálla o peito a cada vaõ suspíro:

Se viras, como vaõ em longo giro
As lágrimas banhando todo o rôsto,
Desmaiado o semblante, e descompôsto
O triste sôm das vozes que profíro:

Póde ser, oh delírio da vontáde!
Que a propria informaçaõ do meu tormento
Te arrebatasse a impulsos de piedáde.
(mento,
Mas quem te há de informar do meu la-
Se quem o sábe hé só tua crueldáde,
Que de mim naõ se apárta hum só momento?

SONETO.

PRometteu-me, jurou-me, finalmente
A maõ Nize me deu; porque quería
Proteſtar-me com ella, que ſería
Firme na fé, no affecto permanente.

Diſſe inda mais: rogou q̃ hum raio ardente
A chegaſſe a matar, ſe me mentía;
Que era mulher de bem, e naõ devía
Ser mudavel no amor, como a mais gente.

Em fim, para penhôr da ſegurança
Do que me fez ſagrado Juramento,
Me deixou completar toda a eſperança.

Fez-me feliz; mas ſó por hum momento;
Pois logo me moſtrou com a mudança,
Que ſempre era mulher no fingimento.

SO-

SONETO.

MUſas, aqui ſôbre eſte verde prádo,
Sem que offenda a ninguem, as córdas tento
Deſte, que vós me déſtes, Inſtrumento
Para alívio fiél do meu cuidádo.

Aqui que paſtar vejo a rélva o gádo,
E do deſcanço o Lavrador izento
Fender a terra, e conduzir attento
Pela ſêcca rabíça o curvo arádo:

Aqui que móra a paz, vive a innocencia,
Aqui na voſſa amavel companhía
Dos annos paſſar quéro a decadencia.

E a faltar-me outro bem, me baſtaría,
O naõ ſoffrer aqui tanta Excellencia,
Nem me aturdir com tanta Senhoría.

SO-

SONETO.

(ra;
EM quanto ſobre a ponte, oh Virgem pú-
A voſſa Imagem ſe adorou patente,
De ſi meſma parece, que pendente
Se ſoſtinha a desfeita architéctúra.

Ao tempo, ao terremoto, á guerra dúra
Com vôſco reſiſtío, venceu valente;
Que a peanha da Mãy do Omnipotente
Naõ podía deixar de ſer ſegúra.

Mas aſſim que outras áras vos deſtína
Dos homens a devóta providencia,
Géme ſaudóza, e os marmores inclína:

E vai gritando a rôta corpulencia,
No eſtrôndo rouco da total ruína,
Que hé deſtrôço maior a voſſa auſencia.

SO-

---

* *Tirando-ſe da Ponte de Amarante, a Imagem de Noſſa Senhora poucas horas antes que cahiſſe.*

SONETO.

ESſa que vês, Amigo, parte em terra;
Parte no rio, e parte inda pendente,
Foi ponte, que cingio larga corrente;
E agora nas arêas ſe ſoterra:

Célebre foi, e qual robuſta ſerra;
Na eſpádua dura ſupportou valente
A planta bruta, o tráfego da gente;
E o tránſito das máquinas de guerra:

Na duraçaõ dos Séculos remotos
Venceu de mil enchentes o ameáço;
E ſuſtêve o furôr dos terremotos:

Mas hoje para avizo em Mappa eſcáço,
Eſſes penêdos te aprezenta rôtos:
Contempla hum pouco; e vólta atras o páſſo.

SO-

Falla da ruina da ponte de Amarante.

SONETO.

NOiva feliz, Eſpôſo eſclarecído;
O parabem, que dar-vos hoje intento,
Com o voſſo immortal contentamento,
E com a noſſa dita hé repartído.

Vós desfrutais no láço mais unîdo
Os enleios de hum ſacro ajuntamento;
Nós eſperamos já com novo alento
Vêr o voſſo eſplendôr reproduzído.

Vós no Sancto Hymenêo vereis cumprida
Toda a voſſa eſperança; da ventúra
Teremos nós a parte mais creſcída.

Pois a próle gentíl que amôr procúra,
Será dos Pays a prenda mais querída,
Será da Pátria a glória mais ſegúra.

SO-

SONETO.

(diláto
QUando, meu Moura, hum pouco me
A contemplar do Mundo o desvarío,
Chóro humas vêzes, outras vêzes río;
Vendo dos homens o fingído tráto.

Ostenta-se discreto o mentecápto,
O fráco com valôr, o víl com brío,
A rústica com nobre senhorío,
A deshonesta com falláz recáto.

Anda tudo ao revéz: pervérsa a gente,
Huma cousa insinúa no semblante,
E outra n' alma bem divérsa sente.

Assim a falsa Nize a cada instante
Promette, e jura affecto permanente;
Mas eu naõ ví mulher mais inconstante.

SONETO.

TUdo critíca o Século presente;
E se rí com maligna complacencia,
Quando vê que com crédula innocencia
De fantasmas tem mêdo a rude gente.

Lárvas naõ teme, espéctros naõ consente;
Os lémures despréza; e sem clemencia
Dos portentos a frívola apparencia,
A pezar dos Astrólogos, desmente.

Já nos Trivios funéstos naõ prepára
Círculos vaõs a Magica sombría:
Já lá vaõ illuzoens; tudo se aclára;

E até já nem encantos havería,
Se Belinda o contrário naõ mostrára
Da sua dôce voz na melodía.

SONETO.

(ſem vída
QUem morre ás maõs da dor, vendo
O bem que idolatrou, moſtra ſaudáde:
Oſtenta quem ſe mata huma lealdáde,
Da paixaõ mais ſublime produzída.

N'aquelle obra a triſteza, commovída
Só talvez pelo impulſo da piedáde;
Neſte brílha do amôr a heroicidáde,
Que a fé lhe fáz mais pura e mais luzída.

Ambos acabaõ ſim; mas obrigádo
Se ſujeita o primeiro á triſte ſórte;
Por vontade o ſegundo ao duro fádo.

Hé pois mais fino amante o peito fórte,
Que podendo viver no ſeu cuidádo,
Sómente por fiél ſe entrega á mórte.

Problêma.

SONETO.

TUdo me anda ao revéz, do meu trabálho
Vingar naõ pude este anno o menor fructo,
Deu-me a rônha no gado; e ao campo enxuto
Faltou no vêrde Abril o frêsco orválho.

Dãnou-se o Téjo, * e junto de hũ carválho
Eu mesmo ví morrer o pobre brũto;
Fugío-me o melhor touro; e o lôbo astúto
Me levou o carneiro do chocálho.

Por fim deixou-me Almira, a q̃ colúmna
Do templo da firmeza tinha sído;
Mas que importa, se nada me importuna?

Pois com este cajádo enfurecído
Hirei deter a róda da fortúna,
Hirei quebrar as séttas de Cupído.

SO-

* *Nome de hum caõ do Poéta*

SONETO.

COm duas eleições esta Clausúra
Duas glórias em vós, Senhora, alcança,
Na primeira fundando huma esperança,
Na segunda logrando huma ventúra.

Mas se qual maior seja se procúra,
Pérco de resolvêlo a confiança;
Pois se aquella os acêrtos afiança,
Esta na duraçaõ os assegúra.

Na primeira, e segunda juntamente
Esperança, e ventura fáz notória,
Desempenhada aquella, esta patente.

Fique indecíza entre ambas a victória,
Pois encôntro nos gôstos da prezente
Dôces lembranças da passada glória.

MOTE.

Naõ côrras para o már Támega tanto.

LEvanta, cláro Rio, hoje ás ventúra
Deſte clauſtro feliz nóbres peanhas,
Em cada margem que paſſando bánhas,
Em cada pénha que batendo apúras.

Diláta mais que nunca as aguas púras,
De gôſto enchendo as húmidas Campánhas;
Pois na luz de Leonôr agora gánhas
Com ſeu nome immortal glórias futúras.

Porém ſe em teus criſtáes em tudo amênos,
Pauzas naõ póde dár teu juſto encanto,
Pois naõ ſabes movêllos mais ſerênos;

Se naõ póde parar-te o grande eſpanto
De taõ devído applauſo; hũ pouco ao mênos
Naõ côrras para o már Támega tanto.

MO-

MOTE.

Os Altares lhe adórna o noſſo peito.

CUlpa naõ foi de amôr; da ſórte dúra
Fôraõ talvez, Senhora, as impiedádes,
Que a comprida extenſaõ de mil vontádes
Limitaraõ no centro da clauſúra.

Foi diminúto o prémio; mas ventúra
Foi lograr dos affectos as lealdádes;
E pois nelles achaes immenſidádes,
O que a ſórte vos rouba, amôr ſegúra.

Que importa pois, q̃ importa q̃ avarênta
Os prémios limitados tenha feito
A Dêoza céga, ao merito violênta?

Que importa, ſe com culto mais perfeito
A noſſa fé as victimas te augmenta,
Os Altares te adórna o noſſo peito?

SO-

SONETO.

DEtém, velóz corrente, as aguas púras,
Levantando á Fortuna mil peánhas,
Em cada margem que paſſando bánhas,
Em cada ſeixo que batendo apúras.

Attende pois ás glórias, e ás ventúras,
Que neſte feliz clauſtro agora gánhas:
Dos Távoras brazoens, luſtres, façánhas
Padroens te formaraõ de penhas dúras.

Mas ſe a tua voluvel confluencia
Do pêzo natural ao curſo aváro
Naõ póde dar-te firme permanencia:

Ao menos neſte empenho taõ precláro,
Por obſequio, attençaõ, ou reverencia,
Suſpende por hum pouco o gyro cláro.

SO-

SONETO.

Jacinto illuſtre, eu ſeja hum vil captívo,
E paſſe triſte ao duro rêmo atádo,
Viva innocente, e tido por culpádo,
Môrra ás mãos de hũ verdúgo ſem motívo:

Fôgo devorador me queime activo,
Contamine-me a vida ar empeſtádo,
Funda-me agua ſalôbre em már irádo,
Ráſgue-ſe a terra, e me devóre vívo:

Caia o Céo ſôbre mim, trague-me o (inférno,
E vágue com perpétua obſcuridáde
Sombra infeliz no verdenêgro Avérno:

E ſe nos Dêozes póde haver crueldáde,
Veja terrivel ſempre a Jóve etérno,
Se eu por ti mancho as aras d'amizade.

SO-

SONETO.

OFfertar-vos, Senhora, eu bem quería;
Pois vós o mereceis, quantos a Auróra
Gratos liçores ſobre a Arábia chóra,
Sácros perfumes juncto ao Ganges cría.

O metal que mais brilha, eu meſma iría
Das entranhas da Terra arrancar fóra;
Porque hum tributo vos trouxeſſe agora,
Que foſſe proprio deſte auguſto día.

Bem o queria ſim, mas como dúra
A fortuna me impede eſta finêza,
O amôr por outro modo vos procúra:

O Coraçaõ vos traz, tendo a certéza,
Que vós mais eſtimaes huma fé púra,
Que as maiores offertas da riquêza.

SO-

Para huma Senhora Religioſa recitar á ſua Prelada, no dia dos Reys.

SONETO.

DOs teus, ó Porto, antigos Orizôntes
Apenas se descobrem os indícios;
Porque até dos penháscos nos resquícios
Se extendem ruas, se sustentaõ pôntes.

Nóvos Cáes, novas Praças, novas Fôntes,
Torres, Templos, Palácios, Frontespícios
Te daõ tanta extensaõ, que os precipícios
Já saõ Cidade, e deixaõ de ser môntes.

Cada vez cresces mais: Oh sempre cláro
Te assista o Céo, e tenha decretáda
Duraçaõ, que resista ao tempo aváro.

E serás immortal, se mensuráda
A vires pelo nome do Precláro
Teu fundador segundo, o Illustre Almada.

SONETO.

EU naõ me queixo naõ, prenda adoráda,
Se contra mim teu peito ſe enfuréce;
Pois em lugar de amar-te, te aborrece
Quem te deſeja vêr deſeſtimáda.

Chamem-te embóra os mais deſapiedáda,
Se o teu devêr do cégo amôr ſe eſquece;
Que eu ſó digo que queixas naõ merece
Huma mulher de bem por ſer honrada.

Eu fallo contra mim, porque te adóro
Inda mais do q̃ os mais; mas circumſpecto
Até te occulto as lágrimas que chóro:

Pois por naõ profanar teu nobre objecto
No altar te ſacrifico do decóro
As mudas ſubmiſſoens do proprio affecto.

SONETO.

SUſpenſo o peito em plácida porfía
Naõ ſábe dos extremos qual procúra,
Se as luzes deſſa voſſa formoſúra,
Se deſſe voſſo canto a melodía.

Arrebáta igualmente a fantaſía,
Se acazo a perfeiçaõ em vós ſe apúra,
Tanto de voſſas vozes a doçúra,
Como do voſſo rôſto a ſymmetría.

Mas ay! que triſte a idéa hoje diſcorre!
Hé de ciſne eſſe canto que arrebáta,
E a meſma circunſtancia em vós concorre:

Porém com a diff'rença, bella ingráta,
Que a harmonía do ciſne hé porque morre,
E o voſſo canto he ſó porque me máta.

SONETO.

SE parto, tu Diamante ,* defcontênte
Ficas guardando o folitario aſſênto;
Mas bem que trifte, com robufto alênto
Víbras contra o ladraõ o agudo dênte.

Se vólto, tu me efpéras diligênte,
Moftrando-me hum fiél contentamênto;
Pois logo com feftivo movimênto
E's em caza o primeiro que me fênte.

Se cáço, com gentil velocidáde
De hum falto abócas a ligeira prêza,
E a trazes com leal docilidáde.

Oh como eu fora defcançado á mêza!
Se podeſſe encontrar tanta lealdáde
No Antonio, no Jozé, e na Therêza. *

SO-

* *Nome do feu caõ.*
* *Nomes dos feus criados.*

SONETO.

NA muda ſolidaõ da noite eſcúra
Tudo em ſilencio eſtá, e taõ cerrádo,
Que até nem muge no curral o gádo,
Nem na cabana hum ſó Paſtor murmúra.

Cada qual dórme em paz, e ſe aſſegúra
No ſeu Rafeiro contra o lobo ouzádo;
Pois tira dos Mortaes todo o cuidádo
O ſômno, que hé do Céo dádiva púra.

Elle allivía o mal do deſcontênte:
Elle fas que o trabalho ſe ſuppórte:
Elle iguala o mais triſte ao mais contênte.

Elle hé o maior bem: mas quer a ſórte,
Que para ſer feliz a humana gênte,
Se lhe equivóque a vida com a mórte.

SO-

Stulte, quid eſt ſomnus, gelidæ niſi mortis imago;

SONETO.

OH vós, que deste bárbaro districto
Habitadores sôis, crueis serpentes,
Aonde estais, que os venenózos dentes
Naõ empregais no peito o mais afflicto?

E vós, que sôis zimbórios do Cocyto,
Brutos penháscos, marmores pendentes,
Porque os despenhos naõ fazeis patentes,
Em que o mais infeliz se precipite?

Tanto há de ser, e tanto endurecída
A minha sempre escura, e amarga sórte,
Que em nada me depára hum homicída?

Só para mim naõ há de haver hum córte,
Que me acábe por fim taõ triste vída?
Naõ haverá, porque me agrada a mórte.

SO-

SONETO.

Para naõ me ſentirem, de vagar
Pela cozinha entrei com pé ſubtíl,
Ví nella a cozinheira mais gentíl,
Com que amôr dôce morte me quiz dar.

De cócoras eſtava ſobre o lár.
C'uma maõ poſta em círna do quadríl,
E dando ao lume aſſôpros míl, e míl
Eſtava de contínuo ſem ceſſar.

Acazo pus o pé ſobre hum carvaõ,
Ella o ſôm eſcutando rangedor
Voltou-ſe para mim: dice-lhe entaõ;

Naõ ſópres mais ao lume que hé melhor
Serviref-te, cruél, de hum coraçaõ,
Que ardendo em viva chãma eſtá de Amôr.

SONETO.

SAõ linhas curvas, Nize, os teus cabêllos;
A frente ſuperficie a mais brilhante,
A celha ſemi-circulo diſtante,
E dous glóbos de luz os olhos béllos:

A boca prendem angulos ſingéllos,
O nariz forma lombo dominante,
Que do centro do Ecliptico ſemblante
Orizontíza extrêmos parallèllos.

Nelle ſe abbreviou dos Céos a Eſphéra;
Pois de quanto contempla a fantaſía,
Em ti mais pérto a viſta conſidéra.

E hé tanta do teu rôſto a ſymmetría;
Que nelle Euclides aprender pudéra
Mais juſtas proporçoens de Geometría.

SONETO.

O Ar cobérto eſtá de eſcuridáde;
O dia tenebroſo, chove, vênta;
E em medonhos relámpagos rebênta
O eſtrondoſo fragôr da tempeſtáde.

Dos raios a inſtantánea claridáde
Em vêz de illuminar nos deſalênta:
A fera treme, o gado ſe eſpavênta;
E os Paſtores aos Céos pedem piedáde.

Votos Arminda fáz, Almêno júra
De romper de ſeus erros a corrênte;
E aplacar cada qual o Céo procúra.

Mas ah! Que aſſim q̃ volta o Sol luzênte,
Eſte ſe eſquece da ſagrada júra,
Outro o voto que fês logo deſmênte.

SONETO.

COm juſta emulaçaõ, com igual ſórte
Fas Hymenêo a dita duvidóſa,
Se em vós hé mais ſublime, Illuſtre Eſpôſa,
Se em vós hé mais feliz, caro Conſórte.

Filha de Venus vós, vós de Mavórte,
A dúvida fazeis mais decoróſa,
Ou já nos bellos timbres de formóſa,
Ou no valente ardôr do peito fórte.

Ambos pois deveis ſer felicitádos
Com igual proporçaõ, já que a ventúra
Com recíproco amôr vos tem ligádos.

Porque neſta alliánça ſe miſtúra
A nobrêza na cópia dos agrádos,
A virtude na luz da formoſúra.

SO-

Ao Cazamento de Gaſpar Pereira Ferraz Sarmento.

SONETO.

EStou, tirano Amôr, para partír-me:
A teus pés nestes versos vou lançar-me;
Que as justissimas causas de queixar-me
Naõ negaõ attençoẽs de despedír-me.

E se aggravos podessem divertír-me
Do que o amôr chegou a encõmendar-me,
Sem hum a Deos pudéra hoje apartar-me,
Só por naõ dar motivos de affligír-me.

Mas como em fim cheguei a idolatrar-te,
Hum favor, bem que leve, a merecer-te,
Vou com trémulos braços a abraçar-te.

E se alguem se atrever a reprehender-te,
Dír-lhe-has, ingrato bem, que fui buscar-te
A respeitar-te só, naõ a querer-te.

SONETO.

A' S vezes se naõ durmo, o pensamênto
Deixando o côrpo sobre a cama quênte,
Me leva mais ouzado, que prudênte,
Dos Astros a medir o movimênto.

Pézo, calcúlo, meço, e observo attênto,
Quantos globos encerra o Céo luzênte:
Contemplo os Turbilhoens, e finalmênte
Me transporto até sobre o Firmamênto.

Descartes lá descubro: e nesse espáço,
Que existencia só tem na fantasía,
Tambem meus Orbes risco, e Mundos fáço.

E eis que vém com mais certa Geometría
Huma Pulga, e me morde no cacháço;
Vou-me arranhar; e a Deos Filosofía.

SONETO.

SEm causa a Infáncia rí, sem causa chóra:
Incauta se despenha a mocidáde;
Sacode o júgo, e nella a liberdáde,
A caça, o jogo, o amôr, tudo a namóra.

Das honras o varaõ se condecóra;
Tudo hé nelle illuzaõ, tudo vaidáde:
Juncta Thesouros a avarenta idáde;
Diz mal do nosso, e o tempo andado adóra.

Tormento hé toda a vida, hé toda engános:
Quando huns affectos vence a novos córre,
E tarde reconhece os proprios dámnos:

Porque em fim se a prudencia nos soccórre,
Dictáda na liçaõ dos longos ánnos,
Quando se sábe, entaõ hé que se mórre.

SONETO.

QUando, douto Moreira, o penſamênto
A's lembranças entrego do paſſádo,
Suſtêr naõ poſſo o pranto, e magoádo
Encho de triſtes ays o vago vênto.

Ora entre o boſque giro, ora me aſſênto
Nas quebras de hum penêdo, e rodeádo
De montes nêgros, e do meu cuidádo
Cáio em fim n'um profundo abatimênto.
(pérto
Nelle me encôntra a noite; e entaõ deſ-
Do lôbo aos húivos, que de lônge gríta,
E ao ſom da Noitibó que eſcuto incérto.

Vê pois que vida hé eſta: premedíta
Na bruta ſolidaõ deſte Deſérto;
E dize-me depois ſe hé pêna, ou díta.

SO-

Ao Abbade de Polvoreira Jozé Moreira da Silva.

SONETO.

CResce, planta incorrupta; e obediênte
A' sábia maõ do teu cultôr attênto,
Abate a copa á terra, e ao vago vênto
Trémula empina a vêrde-nêgra frênte.

A' arte cede, e entrelaçar consênte
A vêrde rama em forma de Aposênto,
Onde teu dôno socegado, e lênto
Encôntre sômbra amêna em sesta ardênte

Os Amigos lhe hospéda, que constante.
Da antiga Corte Lusa em Polvoreira
Lauto recebe, e satisfaz galante.

Que depois, das idades na carreira,
Dirá vendo-te ao longe o caminhante,
Eis-acolá o Cédro do Moreira.

SO-

A hum galante Cédro, que o dicto Abbade tinha no seu Jardim.

SONETO.

EM quanto tu, douto Moreira, eſpôntas
Do teu Jardim as peregrinas plantas;
E humas vêzes os ramos lhes quebrantas,
Outras vêzes com Arte lhos remôntas.

Em quanto do teu Cédro nas vergôntas
Fabrícas lojas, pavilhoens levantas,
Onde á ſômbra talvez as horas Santas
Attento rezas, e devoto côntas.

Em quanto de huma Aldéa, huma Cidáde
Fazes em fim, por têres o ſegrêdo
De entreter no retiro a ſociedáde.

Eu pôſto aqui ao pé deſte rochêdo,
Naõ ſou mais em taõ muda ſoledáde,
Que junto de hum penêdo outro penêdo.

SO-

Ao meſmo Abbade ſeu amigo.

SONETO.

CResce, planta gentíl, cresce, e á porfía
Por toda a parte os ramos teus suspênde,
Em quanto a Arte déstramente emprênde
Dar-te fórma melhór, mais galhardía.

O tronco á terra, a ponta aos Céos envía;
E a vêrde rama ao vago vênto estênde;
E agradecida o teu Cultôr defênde,
Oppondo ao Sol ardênte a sômbra fría.

Vive até te perder na Eternidáde,
Por mais que o tempo devorante queira
Roubar-te de incorrupta a qualidáde.

Que a gente, com lembrança lisonjeira,
Dirá por glória tua em outra idáde:
Este Cédro foi planta do Moreira.

SO-

Ao dicto Cédro do seu Amigo.

SONETO.

(tráćte,
CAlle-ſe agora o Senhor Cyro, (1) e
Em vez de plantar cédros, pôr carválhos,
Por naõ ferír as maõs de annéis nos gálhos,
Que a podôa cruél no tronco abáte.

(2) Darío corte os ſeus; e ás Tropas máte
O frío atróz nos cálidos borrálhos:
E os do Líbano faça em mil retálhos
(3) O ſábio Rey mettído a Calafáte.

(4) Artaxerxes em fim, o que iracundo
Entrou na Grécia pela vez primeira,
De Cédro faça as Náos metter no fundo.

Cédros naõ lêmbrem mais: voz liſongeira!
Que em todos quantos Cédros têve o mũdo,
Cédro naõ há igual ao de Moreira.

---

(1) *Plantou com as ſuas maõs Reaes os Cédros do ſeu Jardim.*

(2) *Cortou os Cédros do ſeu Jardim, para ſe aquentarem os Soldados.*

(3) *Salomaõ* 16. *dos Reys*

(4) *Sacrificou a Neptuno as Náos, que tinha, feitas de Cédro.*

SONETO.

(góra
DEixa, Moreira, o mundo ; hé tempo a-
De vêr da praya firme o gôlfo insáno,
As velas colhe, e o tardo desengáno
Com levantadas maõs devóto adóra.

Repouza pois : o mundo hoje devóra
Com enganos cruéis o peito humáno ;
E rindo-te de vêr o antigo engáno,
As antigas paixoens sábio melhóra.

Deixa Amôr, deixa as Musas, e sómênte
Do Illustre Baccho o copo á bôca arríma ;
Pois allegra a quem vive descontênte :

Louva o homem discréto, o Sábio estíma ;
Ama a virtude ; mostra-te prudênte ;
Toma tabaco, falla á tua Príma.

SO-

Ao mesmo seu Amigo.

SONETO.

(izênto
DEscança em paz, douto Moreira, e
Das terréſtres paixoens da humanidáde,
Conhece finalmente que a verdáde
Só tem no Elyſio o principal aſſênto.

Do teu Jardim retira o penſamênto,
E dos falſos Amigos a ſaudáde;
Pois nelle cada flôr era vaidáde,
E neſtes cada acçaõ hum fingimênto.

Se a fouce, com que a morte deſpedáça
A vida dos mortaes, quiz por vanglória
Roubar-te tudo em fim, naõ foi deſgráça:

Pois ella naõ logrou toda a victória;
Que o teu nome eſcapou á ſorte eſcáça
Por ſe acoutar no Templo da Memória

SO-

Ao falecimento do dicto ſeu Amigo.

SONETO.

SOcega Alma feliz; e Polvoreira
Fique á vista do Elysio abandonáda;
Que Apollo para a frênte dilatáda
Lá te fórma de louro a cabelleira.

Cá de Cypreste a téce a choradeira,
Para adornar do teu squelêto a estráda,
Que de mil galopínos povoáda
Hum tempo foi, mas acabou-se a feira.

Repouza pois em paz; e a mêza apánha;
Porque a estancia dos Dêozes naõ hospéde
De Amigos desleaes cópia tamánha.

E lá tens, se o teu génio inda to péde,
Néctar melhór, que o q̃ produz Champánha:
Chama * a Theodoro, brinda, e apága a sêde.

SO-

A' morte do Abbade de Polvoreira.

* *Theodóro de Sá Coutinho, intimo Amigo do Auctor, e do dicto Abbáde de Polvoreira, ambos fallecidos.*

SONETO.

TRaga-me embóra ao duro rêmo atádo,
Mêtta-me nos grilhões, leve-me á mórte;
Seja qualquer que fôr a minha fórte,
Naõ tem mais que infultar-me agora o fádo.

Efgote o feu podêr, moftre-fe irádo,
Defpedace, deftrúa, abáta, e córte;
Que naõ há de fazer-me a dôr mais fórte,
Por têr fubído ao mais violento eftádo.

A fazêr-me mais trifte em vaõ fe cança;
Que tendo o gráo fuprêmo a mágoa cheio,
Melhor ferá fe nella houver mudança.

E nifto mefmo encôntro algum recreio;
Pois hé do bem efpecie de efperança
Naõ ter de maior mal nôvo receio.

SO-

SONETO.

CItado o Réo, a Acçaõ diſtribuída,
Off'réce-ſe o Libello na Audiencia;
Entra logo huma cota, huma incidencia,
Apenas em déz annos diſcutída.

Contraría-ſe tarde; ou recebída
Huma Excepçaõ, faz nova dependencia:
Creſcem as dilações, e a paciencia
Huma das Partes perde, ou perde a vída.

Habilíta-ſe hum Filho, outro demóra;
E de novos artigos na diſpúta,
Mais ſe dilata a cauſa, ou ſe empeóra.

Cõ tudo pôem-ſe em prova, ou circũdúta,
Em caza do Eſcrivaõ bem tempo móra,
E ſe há ſentença em fim, naõ ſe executa.

SONETO.

IDe lá, pônde a louca confiánça
Naquillo em que a fortuna ſó domína;
Que ſe a róda inconſtante hum pouco inclína;
Sem voltalla de tôdo naõ deſcánça.

Algũ cuida q̃ a prende, e a maõ lhe lánça
Em acto de a ſuſtêr, e ſe arruína;
Porque o gyro velóz, que a deſatína,
Até lhe rompe a crédula eſperánça.

Depois fica-ſe o póbre reduzído
A paſſar toda a vida deſcontênte,
De que errou ſem remédio arrependído.

Sendo em fim eſpectáculo da gênte,
De mágoa para o ſábio comedído,
De riſo para o vulgo irreverênte.

SONETO.

O Peito cóbre, ó Nize, que hé loucúra
O incentívo do amôr fazer patênte;
Porque deixa de o ſêr, quando indecênte
Mais que á idéa, á viſta ſe figúra.

Quanto mais ſe recáta a formoſúra,
Mais impreſſaõ nos fáz; pois julga a gênte;
Que excéde ſempre ao bem que vê preſênte,
Aquelle, que entre os véos ſe conjectúra.

Occulta pois, occulta eſſes objéctos,
Altares, onde fazem ſacrifícios
Quantos os vém com olhos indiſcrétos.

E ſe pertendes encontrar propícios
De amantes coraçoens puros affécłos,
Tudo naõ moſtres, moſtra-lhe os indícios.

SONETO.

SE os males meus vieſſem de repênte,
Sería o meu viver hum breve inſtante;
Que a ſoffrêllos nem fôra entaõ baſtante
Huma alma fórte, o peito mais valênte.

Mas, como pouco a pouco a dôr ſe ſênte,
Pelo coſtume hé menos penetrante;
E n'huma, e n'outra pêna mais conſtante
Reſiſte ao ſeu tormento hum deſcontênte.

Fáz callo a paciencia, e naõ lamênta
No coſtumado, e repetido córte,
Mas antes por vanglória ſe contenta.

Publíca o ſeu valôr da meſma ſórte,
Que fáz quem do venêno ſe alimenta,
Que o traga affoito, e naõ recebe a mórte.

SONETO.

BUſco o Valle, ſaudôſo, e recoſtádo
No tronco d'hum Carvalho corpulênto,
Para mais me affligír, o penſamênto
A' memória me tras o bem paſſádo.

De taõ triſte lembrança penetrádo,
Mais a dôr a meus males accreſcênto:
Ouço balár o gado, e a pêna augmênto;
Vejo a fonte correr, fico magoádo.

Ao longe hum Rouxinól me deſáfía
A ſentir mais amarga a minha pêna
Nos québros, com que apura a melodía.

Depois já com bonança mais ſerêna
Leio, rézo, paſſeio, acábo o dia,
Eis-aqui a que o fado me condêna.

SONETO.

AS féstas lôngas do fervente Estío
Passo á sômbra do rústico Carválho,
E revergado ao tépido borrálho
As noites largas pelo Invérno frío.

Nos lizos seixos do pequêno Río
Vivas trutas em curva rêde entrálho;
A perdíz na esparrella, e sem trabálho
O coelho velóz caço no fío.

A fructa como á propria maõ colhída,
Bebo da pura fonte, e a rude gênte
Já por uso parece-me polída.

Tudo aquí me consóla; e taõ sómênte,
Para lograr de todo alegre a vída,
Falta-me Nize, de quem vivo ausênte.

SONETO.

EM fim, por dar remate ao meu tormento,
Esta minha memória naõ descança:
Representa-me Nize; e da lembrança
Fabríca a dôr cruél ao sentimênto.

Mil cousas me recórda o pensamênto;
Mas só nesta apparencia vêr alcánça
Tanto amôr, tanta fé, tanta esperança,
Reduzido a perpétuo acabamênto.

Do Fado injusto a dura atrocidáde
Em tudo contra mim se faz notória,
Esgotando em meu mal toda a impiedáde.

Lembra-me do que foi a dôce glória;
Porque além do rigôr de huma saudáde,
Me faz sentir os gólpes da memória.

SONETO.

O Decréto immortal, Nize, do fádo
Implacavel, cruél, bárbaro Núme!
Me fez mudar de Pátria; e de coſtúme
A ſéria reflexaõ do próprio eſtádo.

Voltou-me o génio alégre em magoádo
Do peito afflicto o amortecido lúme;
E do tempo que tudo em nós conſúme,
Me vejo inteiramente transformádo.

Deſtemperou-ſe a Cíthara cadênte,
E ſerve ſó de ninho ao vil inſécto
Que nella lavra a téa tranſparênte.

Riſcáraõ-ſe as memórias n'outro aſpécto,
Tudo em mim tem mudado; e taõ ſómênte
Me ficou ſem mudança o antigo affécto.

SONETO.

DE que ſerve o viver, ſe tanto cúſta?
Hé toda huma tormenta a noſſa idáde;
Louca na infancia, vã na mocidáde,
E cheia de afflicçoẽs na mais robúſta.

Hum chóra, outro lamenta, outro ſe aſſúſta
Da fortuna á mais léve tempeſtáde;
E ſe chêga a velhíce, hé ſem piedáde
Submettida ao rigôr da ſórte injúſta.

Parece que por ſeu divertimênto
O Céo nos faz penar, inda que ſanto,
Sem nos deixar de alívio hum ſó momênto.

Valha-nos Deos! Se toda a vida hé pranto,
Se acaba ſó na mórte o ſeu tormênto,
De que ſérve o viver, ſe cuſta tanto?

SONETO.

O Gallo já tres vezes tem cantádo,
Mugído o Boi, tocido a Ovelha, e a Auróra
Já lá vém, com as lagrimas que chóra,
Regando a relva molle ao verde prádo.

Já de traz do Maráõ o Sól dourádo
A frente principía a lançar fóra:
Em fim hé manhã clara, e inda até'góra
O sômno aos olhos meus naõ tem chegádo.

Elle ás vezes quer vír, e a noite inteira
Me rodéa a cabána; e espréme lênto
O succo sôbre mim da dormideira.

Mas se entra nella algum feliz momênto;
Assim que se me encosta á cabeceira,
Logo della o retíra o meu tormênto.

SONETO.

HAverá por acaſo outro que habíte
Medônha gruta em bárbaro deſérto,
Que mais do que eu de lagrimas cobérto;
Pállido eſpanto, e nêgro horrôr incíte?...

Rompaõ-ſe embóra as bóbadas do Díte;
E fique hum pouco á luz do Sól abérto;
Que ainda até lá dos condemnados pérto
Naõ ſe háde vêr quem o meu mal imíte.

Euménides funeſtas, que as penúrias
Augmentaes aos alumnos do Cocíto,
Deixai de lhes fazer novas injúrias:

Vinde aprender do peito mais afflíto;
Que vos dará lições para ſer Fúrias,
Nos remórſos cruéis do ſeu delícto.

SONETO.

(béllas
O Jôgo, o amôr, a mêza, as Muſas
Roubáraõ-me o melhor da mocidáde:
Eſta ſe vai paſſando, e a ſéria idáde
Principía a tractar-me com cautélas.

(zéllas
Diz-me que as cartas rômpa; que as Don-
Deixe viver em ſanta honeſtidáde;
Que ſeja ſóbrio; e côlha a gravidáde
Do vagabundo engenho as ſoltas véllas.

(mudança,
Tudo hé bom; mas que impórta haver
Se os annos trazem novos precipícios
Nas honrás, na vanglória, ou na eſperança?

Entra o fauſto fazendo deſperdícios,
Roubos a uzúra, crimes a vingança,
E emendaõ eſtes os primeiros vícios?

SO-

SONETO.

NO mal, Nize gentil, que me atormênta
Tudo me cança, tudo me enfaſtía,
Fóge-me o gôſto, o ſômno ſe deſvía,
E o triſte coraçaõ ſe deſalênta.

Entre as gentes a minha dôr ſe augmênta,
No retíro me paſma; e a fantaſía
De noute encôntra horrôres, e de día
A própria luz as mágoas me accreſcênta.

Para me aliviar nada hé baſtante:
Sôfro, callo, lamento, e todo inteiro
Me occupa o meu tormento a cada inſtante.

Nize, por mais que ſeja verdadeiro,
Naõ ſente pêna igual ſaudôzo amante,
Como me cauſaõ faltas de dinheiro.

SONETO.

QUeixa-se da fortuna hum descontênte,
Outro da sua Estrella, outro do Fádo,
Outro da sórte; e sempre hum desgraçádo,
Encôntra desabáfo no que sênte.

Algum cuida que o mal hé contingênte,
E praguéja do acaso; outro indignádo
Gríta, lamenta, e diz que o Céo sagrádo
Hé surdo á rouca voz da triste gênte.

Há tal que aos Santos Deozes ameáça,
Que lhes cháma cruéis, e o desatíno
A negallos de todo ás vêzes pássa.

Eu só contra mim brado, e me crimíno;
Pois sei que sou no extrêmo da desgráça,
Artífice infeliz do meu destíno.

SONETO.

DE que vále o ſabêr, e a larga idáde
Gaſtar do eſtudo vaõ na ſubtilêza?
Se eu, vendo déſta noite a eſpléndidêza,
Naõ ſei quem cauſa tanta novidáde?

Das trevas na maior obſcuridáde
Vejo dos Aſtros toda a luz accêza,
E de taõ bello effeito na incertêza
Me deixa cégo a meſma claridáde.

Que ſerá? Pois do Sól o luzimênto,
Aſſim que hé meia noite, principía
A enchér-nos de immortal contentamênto?

Ou hoje a Natureza deſvaría;
Ou hoje teve hum Deos o Naſcimento,
Que muda a nêgra noite em claro día.

SONETO.

(lênto
EU já naõ póſſo mais, que hé taõ vio-
O bárbaro pezar que me anguſtía,
Que, inda q̃ eu foſſe hum ſeixo, naõ podía
Deixar de me partir hum tal tormênto.

Por mais que faça, inutilmente intênto
Abafar do meu mal a tyrannía;
Porque hum peito na fôrça da agonía
Rómpe as mudas prizoens do ſofrimênto.

Queixar-me quero pois, ouça-me a gênte;
E crimíne-me embóra de apoucádo,
Por me vêr lamentar taõ altamênte.

Fique o mundo de ouvír-me atordoado;
Porque nada aventúra hum deſcontênte,
Se publíca na morte o ſeu cuidádo.

SONETO.

HE' no bem, e no mal o humano (enleio,
Como o fiél na trémula balança,
Que hora ſobe, hora deſce, e naõ deſcança,
Sem q̃ entre o pêzo igual encôntre o meio.

Aſſim ſe paſſa a vida em tal rodeio
De encontrados affectos na mudança,
Que ou nos eléva a crédula eſperança,
Ou nos abáte o tímido receio.

Eſtas duas paixoens o Céo ſagrádo
Nos peitos infundío, porque ſómênte
De algum modo igualáſſe a todo o eſtádo:
Porque entre o bem, e o mal, vivêſſe a (gênte,
Suſtido da eſperança o deſgraçádo,
Quieto no receio o mais contênte.

SONETO.

SE eu podéra antevêr, Idòlo amádo;
Os fucceffos que móve a contingencia,
Fizéra huma cònftante refiftencia
A's perpétuas prizoens do meu eftádo.

Ficára livre entaõ, fe affortunádo
Lográra o que hoje logro; mas paciencia,
Pois nem fôbre os futúros há fciencia,
Nem há fôrça no mundo contra o Fádo.

Hé neceffário pois que fe fuppórte
Do deftino dos homens o Decréto
Immutavel, fatal, potente, e fórte.

Naõ te queixes de mim, querido objécto;
Pois o feguir a lei da minha fórte
Naõ deftróe o podêr do noffo affécto.

SONETO.

VOltai Musas, voltai para as amênas
Ribeiras do Mondêgo, aonde agóra
Outro Liceo melhor vos condecóra,
Devido á maõ do mais feliz Mecênas.

Voltai a frequentar a Lusa Athênas,
Sem aquelle rubôr que as fáces córa;
Porque a sábia razaõ já nella móra,
Já lhe occupa a verdade as doutas pênnas.

Voltai; pois já fugio o génio inculto,
A pompa vã, a rústica porfía,
Das nobres Artes vergonhôzo insulto.

Tudo se restaurou em hum só día:
Oh naõ vos esqueçaes do Régio indulto,
Que novo sêr vos deu, nova harmonía.

Quando se abrio a Universidáde de Coimbra no anno de 1772.

SONETO.

TUdo o Tempo deſtróe: a Terra alága,
As Aguas ſécca, os Arès evapóra;
O Fôgo extingue, e até onde o Sól móra
Manchas fabríca, e a clára luz lhe apága.

Dos míſeros mortáes a ſórte vága
Hé q̃ mais acomette; e de hora, em hóra,
Peitos penétra, corações devóra,
Vidas engóle, e tudo em fim eſtrága.

Da trémula velhice á mocidáde
Lhe vivem taõ ſujeitos os humános;
Que o gyro elle hé que ordêna á ſua idáde.

Só os Heróes ſe iſéntaõ dos ſeus dámnos;
Pois lógraõ durações da Eternidáde,
Como Gaſpar as lógra nos ſeus annos.

SO-

Fazendo annos o Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar, Primáz de Braga.

SONETO.

OU na Orquéstra presída da garganta,
Deduzindo das vozes a destrêza,
Ou dos olhos scintíle a luz accêza,
Que incendios mil nos corações levanta.

Sábe Irêne infundír suspensaõ tanta,
Que toda a liberdade deixa prêza;
Pois ou na melodía, ou na bellêza
Acha prompta a prizaõ, que nos encanta.

Se huma só perfeiçaõ, a rebeldía
Do peito mais cruél movendo, assústa,
A tantas resistir quem podería?

Triunfa pois, Amôr; q̃ em tudo augústa
As graças do semblante, e as d'harmonía,
Para mais nos prender, Irêne ajústa.

SONETO.

FLôres no prado a Primavéra cría,
Louras espigas o abrazado Estío,
Pômos o Outôno, e pelo Inverno frío
Ao brando lume o gêlo se desvía.

Neste Desérto alegre companhía
Me fáz cada Estaçaõ; e daqui río
D'quelle meu passado desvarío,
Que arrastar tôrpes ferros me fazía.

Quebrei-os, e custou-me; mas prudente
A' custa das lições do proprio dámno,
Vejo, nunca o cuidei, rôta a corrênte.

E vou, para labéo deAmôr tyránno,
Pendurar o grilhaõ publicamênte
No venerando Altár do desengáno.

SONETO.

EM fim, Prenda gentíl, meu peito alcança
A ventura maior que amor concéde:
Sou taõ feliz, que o teu favôr se méde
Pela immensa extençaõ d'huma esperança.

O coraçaõ paréce que descança;
Porque ao mesmo desejo a dita excéde:
Nada mais quer; sómente ao fado péde
Do nó que hoje nos prende a segurança.

Hercules pois de Amôr, huma colúmna
Levantarei, que ao gôsto mais crescído
Seja termo fiel, méta opportúna.

E da glória esta vez desvanecído,
Farei parar a róda da fortúna,
Hirei quebrar as settas de Cupído.

SONETO.

CAntai, Ninfa gentíl, céſſe o receio,
Que glória taõ feliz nos ſuſpendía;
Pois fôra indeſculpavel tyrannía
Para ſempre occultar taõ grande enleio.

Cantai: porq̃ o temôr, q̃ em vós naõ creio,
Deve ceder da voz á valentía;
E juntando á belleza a melodía,
Dareis ás almas o maior recreio.

Mas ah pobres de nós! que a ſórte dúra
Dos effeitos de taõ ſonóro encanto
Nos fabríca talvez a deſventúra:

Que Amôr para ferir-nos ſoube tanto,
Que unío ás perfeiçóes da formoſúra
A dôce ſuſpenſaõ do voſſo canto.

SONETO.

EIs-me-aquí, bella Anarda, que ſiſúdo,
Dos brincos de algum tempo agora auſênte,
Paſſo neſtas montanhas deſcontênte
A gôrda féſta do laſcivo Entrúdo.

Eis-me-aquí: q̃ recórdo quiéto, e múdo
Os goſtos que eſte peito já naõ ſênte;
Pois me fêz o deſtíno que indecênte
Me ſeja, oh dura lei! me ſeja túdo.

Dos bellos paſſatempos deſte día,
Do teu riſo, do teu gentil aſpécto,
De tudo me deſpója a ſorte impía.

Nem ſequer me deixou hum ſó objécto,
Que podeſſe infundír-me huma alegría,
Que podeſſe cauſar-me hum dôce affécto.

SONETO.

DO mundo enganadôr desabuzádo,
Dizer-lhe quero a Deos; porque hé loucúra,
Avistando taõ pérto a Parca dúra,
Viver dos seus enleios inda atádo.

Fique-se embóra pois: todo o cuidádo
Me deve a prevençaõ da sepultúra;
Pois, bem que tarde já, sempre he ventúra
Ao menos o morrer desenganádo.

Acábem-se os projéctos da vaidáde;
Rompáõ-se os da ambiçaõ; e dê-se hũ córte
A quanto fôr estôrvo da piedáde.

Mas ah! Que hé taõ mesquinha a humana (sórte,
Que para persuadir-se da verdáde,
Naõ basta a vida, hé necessária a mórte.

SO-

SONETO.

Naõ, acêrto naõ foi, que em liberdáde
Nos deixaſſe, Senhor, a Academía;
Porque dos voſſos annos na alegría,
Se perde inda a maior capacidáde.

Suſtêr de toda a luz a immenſidáde
Naõ póde a mais robúſta fantaſía;
E hum raio ſó talvez que deixaría
Huma parte obſervar da claridáde.

De mil virtudes voſſas na affluência,
Indeciſo ſe móſtra o penſamênto,
Sem ſaber a qual dêva a preferência;

E no vago do aſſumpto, ao entendimênto
Lhe ſérve a meſma Copia de indigência,
Porque céga, ſe hé grande, o luzimênto.

SO-

Aos annos do dito Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar.

SONETO.

DO amôr, e da modéstia, Augusto In- (fante,
Hum raro exemplo sois, pois igualmênte
Mostrais ao nosso gôsto alegre a frênte,
E voltais aos applausos o semblante.

Affavel para os mais, naõ sois bastante
A sustêr o louvor o mais decênte;
E se sois para o júbilo presênte,
Para os próprios encómios sois distante.

Eu bem sei que vos custa, mas hé díno,
Que os vossos annos façaõ maniféesto
Deste combate o modo peregríno.

Para ver-mos em Vós com vário gésto,
Que se á nossa alegría sois beníno;
Aos vossos elogíos sois modésto.

SO-

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

Mais do que Braga Auguſta a ſácra Eſ-(phéra,
Que rége, que illumina o Vaticáno,
Da perfídia infiél por deſengáno,
Em Vós Senhor todo ſeu lúſtre eſpéra.

O ſangue Régio, a educaçaõ ſevéra,
As Artes liberaes, o génio humáno,
E da virtude o culto ſoberáno
A grande expectaçaõ nos aſſevéra.

Bem ſei que a extenſaõ deſte deſénho
Immenſos raſgos no futúro lança;
Mas nem ſempre delira o vago éngénho.

E ſe errar eſta noſſa ſegurança,
Será talvez, que Vós o deſempénho
Inda faréis maior do que a eſperança.

SO-

Ao meſmo Senhor.

SONETO.

N'Essa acçaõ, em que a túba da verdáde
Perdoens procláma, e júbileus publíca,
Fazeis, Senhor, que o mundo incerto fíca,
Se hé mais grãde o Esplendôr, se a Santidáde.

Nelle em tudo hé piedóza a Mageståde,
Em tudo a devoçaõ hé nella ríca;
Porq̃ lhe offrece a terra, e o Céo lhe applíca
Quanta riqueza tem, quanta piedáde.

Abérta a vossa maõ Real, e jústa
Por este modo os olhos nos encanta
Q'inda o mesmo que vém a crêr lhes cústa.

E assim segunda Rôma, em glória tanta,
Naõ só deixais a Braga mais Augústa,
Mas lhe dais hoje o titulo de Santa.

SO-

Ao mesmo Senhor, quando se publicou o Jubileu em Braga no anno de 1780.

SONETO.

DE tres Deozas a grata formosúra,
De tres vozes a doce melodía
Tudo juncto logrei: e eu naõ podía
Neste mundo encontrar maior ventúra.

Suspendía-se a vista na luz púra,
A attençaõ se elevava n'harmonía;
Mas com tal suspensaõ, que eu naõ sabía
Distinguir a belleza da doçúra.

Assim passei feliz nesta incertêza
Horas breves; se o tempo passa em tánto
Que huma alma dos enleios está prêza:

Em fim tudo me tinha em bello encánto;
Elevava-me a vista a gentilêza
Suspendía-me o ouvido o doce cánto.

SONETO.

AQuí, onde me trouxe o fado dúro
Para paſſar da vida o triſte réſto,
Hé tudo hum eſpectaculo funéſto,
Em que a viſta apaſcênto, o peito apúro.

Do Maráõ carregado o forte múro,
E dos penhaſcos o medônho géſto,
Hum me prende, outro fáz com que moléſto
Seja aos meus paſſos eſte albérgue eſcúro.

Aquí ſó por inſtincto ſe govérna
A gente bruta: aquí feróz me avíza
Da brénha a féra, a ſérpe da cavérna.

Aquí todo o meu mál me martyríza;
Que até, para fazer-me mágoa etérna,
O aſpécto de mim meſmo me horroríza.

SO-

SONETO.

O' Vós, que appetecéis, os q̃ algum día
Vérsos cantei de amôr; vós por piedáde
Deixai ficar em muda escuridáde
Delírios vaõs da vaga fantasía.

A paixaõ os dictou; e a melodía
Lhe deo desculpa na florente idáde:
Esta passou-se; e o lúme da verdáde
A descobrír-me os êrros principía.

Já véjo que andei cégo; mas por óra
(Couza que acontecesse eu naõ suppúnha)
Vejo do peito o antigo affecto fóra.
(púnha
E vejo em fim que a quella, aquem eu
Acima das estrellas, hé já agóra
Em vêz de Nize bella, Inêz da Cúnha.

SO-

SONETO.

IDe outra vez, Prelado Illuſtre, embóra;
Pára dar nova glória ao Sacro Aſſênto;
Pois elle reconhéce que o ornamênto,
Mais do que dá, de Vós recebe agóra.

Elle com vóſco os luſtres ſeus melhóra;
Que a Virtude, a Sciencia, o Naſcimento,
E tudo o mais, que augmenta o luzimento,
Lhe forma o Eſplendor que o condecóra.

Ide pois, caminhai; porque á porfía
Do Céo por toda a parte a claridáde
Felicidádes mil vos annuncía.

E os Póvos, em penhôr deſta verdáde,
Vos eſpéraõ nas portas da alegria,
E vos deixaõ no extremo da ſaudáde.

SO-

Ao Excellentiſſimo Biſpo de Pinhél, partindo de Alémtém para o ſeu Biſpádo.

SONETO.

ERige, Ulyssea, embóra, ao Rey dedíca
Essa sublime Estátua, elle a meréce;
Que quem tanto te illustra, e te ennobréce,
Mais que te acceita, o cúlto justifíca.

Tu nesse brônze aos séculos publíca,
Quanto deves á maõ, que te engrandéce;
Que em parte os beneficios agradéce
A nóbre confissaõ, que os certifíca.

Deu-te elle hum novo sêr, e hum tal aü-(gmênto,
Que na tua grandeza estupefácto
Se pasma ao vêr-te o peregrino attênto.

Móstra-lhe entaõ, q̃ o teu maior ornáto
Hé guardar, nesse augústo monumênto,
Do teu segundo Ulysses o retráto.

Quando se levantou a Estátua Equestre do Senhor Rey D. José I. anno de 1776.

SONETO.

NEſſe, ó Ullyſſea fiél, bronze robúſto,
Por Phidias Luſo á fórma reduzído,
Que de ráro lavôr enrequecído
Aſſombro á viſta cauſa, ao tempo ſúſto:

Neſſe Régio Colóſſo, objecto júſto,
Que conſágra teu peito agradecído,
Satisfazes ao culto mais devído,
Retráctas dos teus Reys ao mais Augúſto.

Tu lhe dedícas huma Eſtátua, e attênto
Elle ſempre ao tèu bem, fáz mais notória
A cauſa que inſpirou teu nobre intênto.

Para que aſſim no Templo da memória
Se leia, ſendo ſó hum monumênto,
Gravada a tua fé, e a ſua glória.

SO-

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

POr mais q̃ em fórja ardente, e ſáfra dúra
Liquíde a Arte o bronze, o ferro báta,
O tempo, Ulyſſea, o tempo lhe arrebáta
Quantos repáros inventar procúra.

Os metáes gaſta, os jaſpes desfigúra,
Os arcos rómpe, os Templos deſacáta,
Os Colóſſos derrúba, e desbaráta
A maquina maior, e mais ſegúra.

Se tu pertendes pois do eſquecimênto
Alcançar neſſa Eſtátua huma victória
Ao Nóme do teu Rey, muda de intênto.

A ti te móſtra, como immortal glória;
Pois tens em cada pedra hum monumênto,
Capaz de conſervar-lhe huma memória.

Ao meſmo Aſſumpto.

SONETO.

IDe, Princepe amado, que sería
Deſejar o contrário, deslealdáde:
Pois fôra por poupar huma ſaudáde
Roubar-vos hum motivo de alegría.

Ide, que juncto ao Thrôno hoje vos guía
Do ſangue o Amôr, do ſcéptro a Mageſtáde:
Ide, e fiquemos nós; mas por piedáde
A diſtancia incurtai que nos deſvía.

Vá comvôſco o devêr, parta a clemencia;
Aquelle vos conduza; e eſta em tanto
Faça contra as demóras reſiſtencia.

Porq vós nos deixais em tal quebranto,
Que o tempo que durar a voſſa auzencia,
A medida há de ſer do noſſo pranto.

SO-

Partindo para Lisboa o Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar Arcebiſpo Primáz.

SONETO.

ESse do sômno dôce esquecimênto,
Que iguála hum triste ao mais affortunádo;
Porque aquelle naõ sente o seu cuidádo,
E este naõ lógra o seu contentamênto:

Esse que amortecendo o sentimênto
Suspende todo o mál de hum desgraçádo;
Sómente contra mim se móstra irádo,
Em vêz de me applacar o meu tormênto.

Em sônhos vaons de sórte me figúra
Casos de horrôr, objéctos de agonía,
Que até dormindo encôntro a desventúra.

E a tenáz apprehensaõ da fantasía
No meio me fáz vêr da noite escúra
Hum meu crédor, que me fallou de día.

SONETO.

ZOroáſtes na Pérſia, Hermes no Egypto,
No ſímbolo da luz, no da ſerpênte,
Ao mundo dérað leis, que reverênte
Guardou com firme, com ſagrado ríto.

Depois o cōductôr do Hebreu proſcrípto
Outras novas propôz: ultimamênte
Veio o Evangelho illuminar a gênte,
E illudír o Alcorað, pôvo infiníto.

A terra toda aſſim ſe conduzía,
Recebendo os preceitos da piedáde,
No culto que viſivel ſe fazía.

Até que veio em fim a noſſa idáde;
E fazendo de todos zombaría,
Fórma outra nova lei da liberdáde.

SONETO.

TUdo ſe muda: o génio unicamênte
Em ſêr conſtante nos mortaes porfía,
Comnôſco a vír ao mundo principía,
Comnôſco mórre, e nunca ſe deſmênte.

Elle às paixoens na idáde mais florênte,
Elle as accende na velhice fría:
Hé ſempre o meſmo, e em nada ſe varía
Por mais que á vida a duraçaõ ſe augmênte.

Diſſimula-ſe ſim, mas qualquer hóra,
A pezar da mais rígida cautéla,
Nos entréga cruél, e as faces córa.

Aſſim o antigo ardôr, que me atropélla,
Aſſim me incíta, ó Nize, a que inda agóra
Te adóre amante, e te celébre bélla.

SONETO.

O Sábio hé ſempre igual, e naõ ſe eſpãta,
Por mais vária que a ſórte ſe lhe off'rêça;
Que o mál nunca lhe fáz q̃ a frênte dêſça,
E o mais ſublíme bem lha naõ levanta.

Quer lhe tôrça cordéis para a garganta,
Quer coroas lhe pônha na cabêça;
Nem a pena lhe fáz que ſe entriſtêça,
Nem hum gôſto feliz ſeu peito encanta.

Aſſim Sócrates foi; mas eu quería,
Que elle viſſe de Nize a face púra
Para prova da ſua valentía.

Pois ſó tivéra entaõ glória ſegúra,
Se de Amôr reſiſtiſſe á tyrannía,
Se de hum rôſto gentil á formoſúra.

SONETO.

QUando a pálida maõ da infausta mórte
Vibra a fouce infeliz, no duro intênto
De apartar-nos da vista o Régio alênto,
Que honrou a paz, que subjugou Mavórte;

Suspeitáraõ, Senhor, que desta sórte
Pertendeis augmentar nosso tormênto;
Fazendo que o elevádo monumênto
Maior lembrança dê do injusto córte.

Mas oh! Queixas naõ fórme na tristêza
Quem de prantos votivos na lealdáde
Bánha as pômpas, que ergueu vossa finêza;

Pois para algum alívio da saudáde,
Precizo foi na lúgubre Grandeza
As sômbras conservar da Magestáde.

SO-

Ao Sereníssimo Senhor D. Gaspar, fazendo as Exequias do Senhor Rey D. José I.

SONETO.

ESse, Raynha Excélſa, eſſe que agóra
Te cínge aureo Diadéma a Régia frênte,
Aonde o preço do metál luzênte
A rára indúſtria do lavôr miróra.

Eſſe ornáto Real, que o mundo adóra,
Hoje inutil ſe fáz na acçaõ prezênte;
Que pára dominar a Luſa gênte
Outro adôrno maior te condecóra.

Sublimes dotes tens; que em toda a párte
Ganharáõ coraçoens, ſem que os ajúde
Eſſa inſígnia brilhante a venerár-te.

E ſe intentas que o culto ſe naõ múde,
Devido ao Rito Auguſto de acclamár-te,
Tens Coroa melhor na da virtúde.

SO-

Na Acclamaçaõ da Raynha Noſſa Senhora, anno de 1777.

SONETO.

PAſſa alégre o Paſtôr, que ſem talênto
Para entender as maximas de Eſtádo,
Cuida ſó no govêrno do ſeu gádo,
Sem cançar no do mundo o penſamênto.

Naõ tracta de mais nada: e vive izênto
De diſputar com frívolo cuidádo,
Se o valído do Rey hé hum malvádo,
Se ao bem dos Póvos hum Miniſtro attênto.

Nem o nôme lhe ſabe: e ſó decóra
O dos ſeus Reys, com fé taõ púra, e tanta
Que conſtante os celébra, e humilde adóra.

Ao ſom da dôce flauta a voz levanta;
As memórias do Pay ſaudôſo chóra,
E as virtudes da Filha alégre canta.

SONETO.

DO sômno aquelle dôce aturdimênto,
Que os sentídos nos tira, he certamênte
A dádiva maior, que o Omnipotênte
Fazer podia ao nosso desalênto.

Elle fáz com suáve esquecimênto
As condiçoens iguaes a toda a gênte;
Pois nem o triste os seus pezares sênte,
Nem o ditôzo o seu contentamênto.

Dórme o Rey no Palácio; na cabána
Dórme o Pastór; e com prizaõ taõ fórte,
Que o proprio estado cada qual engána.
(sórte,
Más ah! Quanto hé mesquinha a nossa
Que o bem maior da natureza humána
A imagem vem a sêr da triste mórte.

SO-

SONETO.

ESta, que Filha foi, que foi Consórte,
Irmã, e Mãy de Reys, já, o Passante,
De baixo deste marmore pezante,
Céde tanto esplendôr da Parca ao córte.

Marianna morreu: e a dura sórte
A despojou de tudo em hum instante;
Porq̃ igualmente ao throno o mais brilhante,
E á mais pobre cabána insulta a mórte.

Scéptro, Coroa em fim o gólpe rúde,
Que as pômpas rómpe, q̃ os troféos arrásta,
Nada deixou ficar neste Ataúde.

Todo o adôrno Real delle se afásta;
E apênas das imágens da virtúde
Decorádo se vê; mas isso basta.

SO-

Ao Falecimento da Augustissima Senhora D. Marianna Victória, Rainha Fidelissima de Portugal. anno de 1780.

SONETO.

A Mórte, que executa a lei do fádo
Com diligencia tanta, que atégóra
Naõ deixou preterír huma ſó hóra,
Inda a favor do mais affortunádo;

Que a cúrva fouce ẽpúnha, e o braço irádo
Contra os mortaes em toda a parte arvóra;
A mórte digo, a mórte ſe demóra,
Ainda que a tenho vezes mil chamádo.

Sómente a triſte glória de homicída
Naõ quer lograr comigo; e ſe recáta
Para dár-me huma pena mais creſcída.

Quer vêr-me mais penar: e me diláta
Huma infeliz, huma enfadonha vída,
Por ſer cruél até quando naõ máta.

SONETO.

VIo-se hum amante, o centro da Avarêza
Hum dia junto de huma formosúra,
Que, dando-lhe hum remoque com doçúra,
A bôlça o fêz abrir sôbre huma mêza.

Tenha maõ, ella diz; que essa despêza
Hé taõ rára, Senhor, que me segúra,
Pois que sei desfechar maõ que hé taõ dúra,
Que dêvo ter alguma gentilêza.

Isso me basta só. Naõ, lhe replíca
O muito reverendo enamorádo,
Ao mênos me receba o que ahi fíca.

Rasgou-se aquelle peito o mais serrádo;
E tanto, que deixára a Dama ríca,
Se a offérta lhe acceitasse: era hum cruzádo.

SONETO.

(mênte
TO', Mondêgo, vem cá; pois tu só-
Alivías hum pouco o meu cuidádo;
Que em parte se consola hum desgraçádo,
Quando tem quem lhe escute o mal q̃ sênte.

Tu fírme; tu leál; tu finalmênte
Me tens na minha ausencia accompanhádo:
Raro impulso de amôr! porque ao seu ládo
Ninguem quer supportar hum descontênte.

Ora deixa, que em prémio da piedáde,
Com que o teu zêlo ao meu tormento assiste,
Farei teu nome emblêma da amizáde.
(ouviste,
E os vérsos meus que hum tempo alégre
Cantaráõ, para exemplo da lealdáde,
Hum Rafeiro fiél de hum Pastôr triste.

SONETO.

(día
MOrreo o meu Mondêgo, o que algum
Com tál disvélo me guardava o gádo,
Que nem lôbo voráz sôbre o montádo,
Nem no curral ladraõ subtíl se vía.

Elle por toda a parte me seguía,
E com affecto tal, com tal cuidádo,
Que inda depois de vêr-me desgraçádo,
Inda assim nos meus máles me assistía.

Ora repouza em páz, e unidamênte
Quem eu sou, quem tu foste, este letreiro
Faça algum dia, a quem o lêr, patente.

Aqui jáz subterrado neste outeiro,
Dando exemplos de amigo a muita gênte,
De hum Pastôr triste o mais fiél Rafeiro.

SONETO.

PAstôr hum tempo, e agora Pègureiro,
Vivo o mais infeliz deste montádo,
Sem Pátria, sem cabana, e sem mais gádo,
Que as féras que me cercaõ neste outeiro.

Tudo o mais me roubou o derradeiro
Dia em que fui feliz: que o duro fádo
Até por me deixar mais desgraçádo,
A vida me arrancou do meu Rafeiro.

Elle por toda a parte me assistía,
E com tanta lealdáde, que comígo,
Se acaso eu fosse á morte, á morte hiría.

A fóme, a sêde, a calma, o desabrígo,
Só por me naõ deixar, fiél soffría:
Eu perdí nelle o mais leal Amígo.

SONETO.

DIscréto Albíno, a tua mocidáde
Juncta á minha velhíce bem podía
Formar huma terceira melodía,
Nem toda flôr, nem toda austeridáde.

O mundo entaõ com grata novidáde
Talvez que os nossos versos ouviría;
Que o gêlo meu, e o teu ardôr faría
Huma bem concertada variedáde.

Vibrando tu da Cythara canóra
As fibras prateádas, mais cadênte
Sahíra a minha voz do peito fóra.

Mas que há de ser! se chêgo de repênte,
E apênas deste albérgue posso agóra
Mandar-te esse Sonêto por prezênte.

SONETO.

MEio já neſte leito amortalhádo;
Paſſo da vida o derradeiro réſto;
A mim meſmo enfadônho, aos mais moléſto,
E aborrecido ao Céo, que vejo irádo.

Sobre a frente o cabêllo arrepiádo,
Os olhos turvos, macilênto o géſto,
Naõ ſou mais que eſpectáculo funéſto,
E verdadeira imagem de hum finádo.

Parece-me que á porta a morte triſte
Me bate já: que a fouce afía; e dúra
Levanta o golpe, a que ninguem reſiſte.

E quem ſabe? Talvez que a noite eſcúra,
Que etérna me há de ſer, de mim ſó diſte,
Quanto vai deſta cama á ſepultúra.

SONETO.

ESta vida infeliz que me naõ lárga,
Só por dár ao meu mal maior augmênto,
Parece que igualando o meu tormênto,
Quanto mais elle créſce, ella ſe alárga.

Tenáz naõ quer deixar-me; e tanto a-(márga
Me rouba o gôſto, e eſgóta o ſoffrimênto,
Que muitas vezes ſacudír intênto
Dos hombros frácos meus taõ lônga cárga.

A Parca invóco entaõ; e a Parca dúra
Os votos me rejeita, as cóſtas víra;
E vai ferír a quem a naõ procúra.

Porque quando a morrer hum triſte aſpíra,
Como a mórte lhe ſérve de ventúra,
A mórte encóſta a fouce, e ſe retíra.

SONETO.

HUma mulher de bem, em outra idáde,
Raras vezes em público se vía ;
Hoje se móstraõ todas, que sería
O nunça apparecer, rusticidáde.

Fallar com hum Perálta era maldáde ;
Cortejallos agóra he galhardía :
A dança desdouráva a que a fabía ;
Hé hoje o naõ dançar simplicidáde.

Estas transformações tem por officio
Fazer a moda vã, que ao mundo illúde,
Compôr em tudo hum novo frontespício;

Ella até faz que Amor o nome múde ;
Pois, passando inda á pouco por hum vício,
Dizem se chama agora huma virtúde.

SO-

Satira ás modas.

SONETO.

ADeos, Nize gentíl: a minha idáde,
Que já de lustros dôze hum pouco pássa,
Torpe a maõ, tarda a planta, a vista escáça,
Hé só resto infeliz da humanidáde.

Tudo o mais foi despôjo da impiedáde,
Com que o tempo voráz nos despedáça:
Roubou-me o brío ao peito, ao rôsto a gráça,
E nada me deixou de realidáde.

Apenas me conserva por figúra,
Que merêça por ultima decência
O nicho que lhe fórma a sepultúra.

Em fim naõ posso mais: a minha auzência
Outro póde supprir; que a formosúra
Nunca se satisfaz de huma apparência.

SONETO.

DO Redemptor com tanta melodía
Cantaste, bella Irêne, o Nascimênto,
Que ás Almas inspiraste o movimênto
Do affecto, da ternúra, e da alegría.

Motivo mais supremo naõ podía
Neste mundo occupar o pensamênto:
Era immortal o assumpto, era o concênto
A mais dôce porçaõ de huma harmonía.

Acrescentaste, Irêne, ao pásmo múdo,
Que infundía das vózes a destrêza,
Para a vista tambem hum novo estúdo:

Soubeste unír cadências á bellêza;
Porque grande huma vêz se visse túdo,
A consonáncia, o objecto, a gentilêza.

SONETO.

EM quanto vós, ſábio Paſtôr, guiádo,
Mais das leis do devêr que da grandêza,
Dêſtes montes na incommoda durêza
Páſto ás ovelhas vindes dar ſagrádo:

Em quanto, huma vêz Pay, outra Preládo,
Miſturais com Cathólica deſtrêza,
Ora largos ſoccórros á pobrêza,
Ora ſanctas emendas ao peccádo:

Em quanto em fim fazeis que ſe conſíga
No Templo melhor culto, e que a piedáde
Por toda a parte os voſſos paſſos ſíga;

Permitti, que em taõ nova raridáde
Duvíde, ſe inda eſtou na Igreja antíga,
Ou ſe a Fénis ſois vós da noſſa idáde.

SO-

Ao Excellentiſſimo Biſpo do Porto D. Fr. Joaõ Rafaél de Mendóça.

SONETO.

JA' se derréte a néve, e da montánha
Em líquida corrênte ao valle désce,
Os campos réga, as margens humedéce,
Borrifa a tenra flôr, a rélva bánha.

No monte a brênha, o máto na campánha,
No bósque a planta, em fim tudo floréce;
Até no trônco antigo a héra crésce,
E a rude penha novo musgo gánha.

O frêsco Abril em toda a parte arvóra
O vêrde pavilhaõ, em que se esméra
Toda a pompa gentíl, que produz Flóra.

Tudo alégre se vê; sómente austéra
Naõ quiz a minha sórte, que atégóra
Chegasse para mim a Primavéra.

SO-

SONETO.

O' vós, que fostes Nimphas algum día,
E hoje Matronas sois, vós, que me ouvistes
Ora cásos allégres, ora tristes
Cantár de amôr com dôce melodía:

Vós, que hum prudente pai, vós q̃ hũa tia,
Que o marído illudír talvez me vistes,
E por signal que ás vêzes vos sorristes
De alguns estratagêmas que lhe ordía:

Vós, deixai-me esquecêr: e por piedáde
Consentí que da vida transitória
Discôrra em páz na decadente idáde.

Riscai os meus successos da memória;
Que ás vêzes saõ motivo da saudáde
Dôces lembrânças da passada glória.

SONETO.

EM quanto tu, nobre Malheiro, atádo
Mais ás leis do devêr, que ás da vontáde,
Ao Principe melhor da nossa idáde
Serves com honra, e assistes com cuidádo:

Em quanto atráz da féra arrebatádo
Pizas o mônte, e deixas a Cidáde,
E affoutando dos caẽs a lealdáde,
Matas a lebre, e ségues o viádo:

Em quanto do jardím as bellas plantas
Cultívas diligente, ou fórte môntas
Nos cavállos leáes, e nos espantas:

Em quanto em fim devóto te remôntas
No sacro culto, e ceremónias sanctas;
Estes vérsos te faço, e rezo as côntas.

SONETO.

EU naõ creio que a nossa Fidalguía
Procedesse d'Adam, que era hum coitádo;
Hum paizáno, que nunca andou calçádo,
Hum póbre, que de pélles se vestía:

Naõ têve Armas, Brazoens; nem possúía
Por prova de ser nobre algum Morgádo:
O fôro nunca vio; nem foi tractádo,
Como agora se fáz, com Senhoría.

Eva inda foi piôr, pois na Escriptúra
Se naõ tracta de Dom, nem de Excellencia,
Nem se diz se nas danças fêz figúra.

E assim venho a tirar por consequencia,
Que estando hoje a nobreza em tanta altúra
Naõ tras delle, nem della a descendencia.

SONETO.

A Mórte, que mil vezes arrebáta
Tanta gente feliz, que a naõ meréce,
De mim, vendo que a vida me aborréce,
De mim, por mais que a chamo, se recata.

Pára o relógio, as horas me diláta,
Augmenta o meu tormento; e assim paréce
Que aos vótos que lhe off'rêço se ensurdéce,
Por ser cruél até quando naõ máta.

Rogo-lhe em fim, que já q̃ o secco bráço
Da fouce em mim naõ descarrega o córte,
Me terspasse hũ punhál, me apérte hũ láço.

Mas sou taõ infeliz na minha sórte,
Que para padecer mais longo espáço,
Zômba de mim, e me despréza a mórte.

SO-

SONETO.

ORa o Maráõ de escuro nevoeiro,
Ora cobérto está de néve fría,
Ora chove, ora vênta, e se arrepía
O gado sem pastôr em cada outeiro.

Assim se avísta o pérfido Fev'reiro
Enganador da may; á qual hum día,
Quando o mais claro sól resplendecía,
De repente cobrío de hum seraiveiro.

O vênto, a chuva, o gêlo, finalmênte
Todo o tempo hé cruél, e resistencia
Lhe fáz com custo o lavrador valênte.

Em quanto a mim, taõ dúra convivência
Já se me fáz hum pouco impertinente;
Mas senaõ há Renúncias, paciencia.

SONETO.

NA muda ſolidaõ deſte apozênto
Naõ tenho mais que a triſte companhía,
Que de noite me fáz, me fáz de día
O conſtante teôr do meu tormênto.

Sempre me aſſiſte,e nunca hũ ſó momênto
Deſte miſero leito ſe deſvía:
E parece que a ſua rebéldía
Tóma na duraçaõ hum novo augmênto.

Tudo o tempo deſtróe: unicamênte
Da minha mágoa a bárbara impiedáde
Hé ſempre a meſma; e nunca ſe deſmênte,

Eu bem ſei que no Céo naõ há cruéldáde;
Mas comigo paréce que inclemente
Me fáz penar por huma eternidáde.

SONETO.

AQuí onde o Marão a espádua dúra
Curva; Nize gentíl, sôbre a campánha,
Como opprimido da ouzadía estránha,
Com que as móles do Céo sustêr procúra;

Aquí onde mais grita que murmúra
Sombría fonte, arrôjo da montánha,
Que, supponde-se río, naõ só bánha,
Mas trôncos mórde, e marmores apúra;

Aquí aonde o bosque a cada pénha
Téce grinaldas mil com tôsco alínho
Da tarde ou nunca penteáda grénha.

Aquí aonde apenas faz camínho
Rústica planta, por confusa brénha;
Aquí, Nize gentíl, tenho hum moínho.

SONETO.

(vênto
O Mundo hé már: a vida hé náo: e o
Se fórma das paixoens da humanidáde;
E ellas sópraõ com tanta variedáde,
Que hé tudo confusaõ no movimênto.

Se huma vêz há bonança, vêzes cênto,
Qual Piloto a razaõ na tempestáde
Se pérde, sem que ao porto da verdáde
Nos possa conduzir a salvamênto.
(hum día,
Oh! Queira o Céo, que eu chegue a elle
Aonde a respirar o peito humáno
Sem mêdo das tormentas principía;

Elle fáça que em fim eu vêja ufáno
O sagrado faról, com que nos guía
Para a Pátria Celeste o desengáno.

SONETO.

MUsas, a Deos: q̃ o mundo principía
A moſtrar que de ouvír-me eſtá cançádo;
Eſte mordaz me chama, aquelle ouſádo,
E eſtoutro de Cenſôr me calumnía.

Naõ tem remédio; a Deos: que a melodía
Deixa de o ſêr aſſim que cauſa enfádo;
E quem naõ quer ſoffrer hum deſagrádo,
Continuar naõ déve o que enfaſtía.

Siléncio pois: e eſconda-ſe o inſtrumênto,
Ao ſôm do qual cantei, que o naõ penétre
Nem inda hum ſôpro do mais léve vênto.

Hum ſó dos vérſos meus ſe naõ ſolétre;
E deixemos em mudo eſquecimênto
Tanto Perálta, e tanto Petimétre.

SONETO.

NIze, deixa-me em paz, porque já agóra
No már de Amôr, por mais que á vela sáia,
Carcaſſa vélha ſou, que junto á práia,
Por naõ poder ſurgír, ſe deſarvóra.

A Deos, que quem me vír da bárra fóra;
Hé capáz de me dár alguma váia:
E ao menos quero, antes que ao fundo cáia,
Inda ſalvar-me: a Deos; fica-te embóra.

Bem ſei q̃ pouco hé já; más por vanglória
(Porque ás vezes ſe fáz do proprio dámno)
A meſma falta hei de fazer notória.

E no público altar do Deſengáno,
Deixarei dos eſtrágos por memória
O deſtroçádo léme, e o rôto pánno.

SONETO.

QUando ſinto de Nize hum deſagrádo,
Quando lógro hum favôr, entaõ duvído,
Se hum ſerá do deſprezo cõmovído,
Se outro d'hum dôce affecto occaſionádo.

Naõ a poſſo entender: ſeu rôſto amádo
O deſprêzo, e favôr tráz tanto unído,
Que eu naõ ſei quando della ſou querído,
Nem quando dos ſeus olhos deſprezádo.

Sei ſó que he taõ gentíl, que endurecída,
E que branda ſe fáz com igual ſórte,
Sempre de hum peito amante appetecída;

Pois chega a ſer o ſeu poder taõ fórte,
Que inda ingráta, a eſperança me dá vída,
Que inda benigna, o goſto me dá mórte.

SONETO.

O' Vós, Damas gentíz, q̃ com deſtrêza
De prendas adornais a formoſúra,
Para ſe duvidar com tal miſtúra,
Se a graça em vós hé mais, ſe a gentilêza:

Vós, q̃ a gála ao devêr trazeis taõ prêza,
Que decidír naõ póde a conjéctúra,
Qual mais adoraçaõ vos aſſegúra,
Se da virtude a luz, ſe a da bellêza:

Vós, que trazeis em fim arrebatádo
Com divérſa attençaõ a cada peito
Entre a voſſa decencia, e o voſſo agrádo:

Vós permitti, que poſſa o meu conceito,
Das voſſas perfeiçoens equivocádo,
Unír o meu affecto ao meu reſpeito.

SONETO.

ADeos, Laura gentíl, fica-te embóra,
E a novo adoradôr feliz te enláça:
Desfruta a mocidáde, porque pássa
Depréssa o tempo, e tudo nos devóra.

Eu de nada te sírvo; pois já agóra
A trémula velhice me embaráça;
E o têr zêlos além da mórte escáça
Transcende a maior fé de quem se adóra.

Naõ falta gente môça; eu te conféssо,
Que produz grande cópia a nossa idáde,
Em quem pódes lograr melhor succésso.

Elége hum entre mil, enche a vontáde,
Pois tens onde escolher; eu só te péço,
Que a dár-me hũ successor naõ seja Abbáde.

SONETO.

ENxúga aquelle pranto, que atégóra
O rôsto te inundou, triste Amarante;
Pois tambem chega ao Támega distante
A mesma Augusta Maõ, que o Téjo adóra.

Ella o rio subjúga, e te decóra,
Fazendo que outra Ponte se levante,
Onde inda há pouco afflicto o caminhante
Naufrágios receou, soffreu demóra.

Tu sôbre a excélsa fábrica contênte
Bem cêdo moverás a planta túa,
Sem que te prenda a liquida corrênte.

Mas que muito! Se fáz que se constrúa
Nella o teu bem, e o bem de tanta gênte
Huma grande Rainha á custa súa.

SONETO.

O Zêlo teu a promovêr attênto
O Diplôma Real, douto * Maníque,
Fáz que Amarante agóra te fabríque
Na ponte que prepára hum monumênto.

Cada pedra há de ſer hum fundamênto,
Com que o teu nome eternizádo fíque;
Pois chegaſte a fazer que ſe edifíque
Paſſagem prompta ao caminhante lênto.

Elle, que vezes mil ſe vio pendênte
Do Támega na margem, por vanglória
Zombará delle, e paſſará contênte:

E lendo em cada hum arco huma memória,
Fará bem cêdo em teu louvôr patênte
A ſua ſegurança, e a tua glória.

SO-

---

* *Intendente Geral da Policia.*

SONETO.

SE o Fádo tem por firme fundamênto
Dos orbes a perpétua permanencia;
Deixêmo-lo girar, que a diligencia
Naõ lhe póde mudar o movimênto.

Elle govérna tudo; e hé louco intênto
Pôr-ſe com o deſtino em competencia;
Porque para fazer-lhe reſiſtencia
Só ſe encontra podêr no ſoffrimênto.

Viva-ſe pois com peito ſocegádo,
E o ſegrêdo do tempo ſempre eſcúro
Naõ déve eſquadrinhar hum deſgraçádo:

Que o mal, ſeja qual fôr, ſe fáz mais dúro,
Se o recórda a memória do paſſádo,
Se o receia a ſciencia do futúro.

SONETO.

ADeos; já basta, Amôr: amocidáde
Te off'reci por primeiro sacrifício;
E ao depois a razaõ, e o desperdício
Por ultimo te fiz da longa idáde.

O devêr, o decóro, a dignidáde;
Tudo arrisquei para te vêr propício;
E se a honra salvei do precipício,
Foi mais que favôr teu, do Céo piedáde.

Por teu respeito em fim delirei tanto,
Que eu mesmo celebrei com voz sonóra
O motivo infeliz do proprio encanto.
(góra
Que queres mais de mim? Que eu inda a-
A lira pulse, e te conságre o canto?
Esse tempo acabou; fica-te embóra.

SONETO.

NAõ, gentil Heroína, eu naõ intênto
Formar-vos elogíos da bellêza;
Que aquillo, que se deve á naturêza,
Sómente servir deve de ornamênto.

Tambem julgo, q̃ hum cláro nascimênto
Applausos naõ merece; que a nobrêza
Dos Illustres passados foi grandêza,
Que em vós reproduzio o luzimênto.

Sei que as prêndas, as artes, finalmênte
O douto engenho, a quem Apóllo erúde,
Tudo em vós hé feliz, tudo eminênte.

Mas tambem sei, inda q̃ humilde e rú- (de
Que compôem hũ encómio o mais decênte,
Quem vos fórma os applausos da virtúde.

SO-

A' Excellentissima Senhora D. Catharina Michaella de Sousa Cesar e Alencastre. Enviada de Inglaterra.

SONETO.

ERa hum amante (e vejaõ qual sería;
Pois que tinha por ſeu menor defeito,
Ser vélho, ſer aváro, e ſer mál feito,
Com mais certos achaques, que encobría.)

Era hum amante, digo; o qual vivía
Do Senhôr ſeu nariz taõ ſatisfeito,
Que a cérta Dama, e Dama de reſpeito,
Com ſer hum toleiraõ, zelos pedía.

Ficou de ouvillo a bella quaſi mórta:
E para o ſacudir entaõ lhe díſſe:
Meu Senhor; iſſo a mim pouco me impórta.

Aqui naõ cabe tanta parvoíce:
Se ſe quer recolher buſque outra pórta,
Que eſta caſa naõ tem cavalheríce.

SONETO.

FOrtunáta gentíl: e na verdáde
Nas áras da fortuna o tempo agóra
Os annos vos conságra, e condecóra
Com os que hoje contais a vossa idáde.

A gráça, a gentilêza, e a variedáde
Das prendas, que ostentais, com elles móra;
E o mundo em fim com elles vos adóra
Na estaçaõ mais feliz da mocidáde.

Eu faço o mesmo: e ao vosso culto attên-(to,
Se a Párca escuta os rogos dos humános,
Deprecálla esta vez, devóto intênto.

Para que os gólpes seus sempre tyránnos
Suspenda contra vós; e vezes cênto
Nos deixe celebrar os vossos annos.

SO-

SONETO.

SEnhora Nize, a Deos, e gaſte embóra
O ſeu café com eſſes meus Senhôres,
Que, entretendo-a de frívolos amôres,
Lhe fazem ſála até que naſce a Auróra.

A Deos, vólto a dizer-lhe; que já agóra
Naõ me atrêvo a eſtudar nóvos primôres:
Fique-ſe em páz; e emprégue os ſeus favôres
Em quem as aſſembléas condecóra.

Achará quem lhe falle com decência,
Quem lhe faça cortêjo; últimamênte
Quem lhe faça agradavel convivência.

E ſe acaſo mandar hum bom prezênte,
Achará quem a tracte de Excellência;
Porque no mundo para tudo há gênte.

SONETO.

SE eu navegasse o mar; se eu fosse á guér-(ra;
Se habitasse onde a péste se diláta;
Se entre tigres dormisse em negra máta,
Se entre leoens em solitária sérra:

Se me picasse o dente com que férra
A vibora cruél, que logo máta;
Se tragasse a cegúde ao gosto ingráta;
Se o veneno chupasse ao fél da térra:

Se juncto a mim dos ráios cênto a cênto
Me apontasse dos Céos a bataría;
Em fim s'eu cahir visse o Firmamênto:

A tudo sem pavôr resistiría;
Que como naõ me acaba o meu tormênto,
Tambem dos outros máles zombaría.

SONETO.

EStime o venturoſo a vida embóra;
Recéie de a perder; e diligênte
Repáros fórme, e máquinas invênte
Contra a fouce cruél que a mórte arvóra!

Faça por evitalla: que já agóra
Enfadádo por fim de ſer vivênte,
Só julgo que hé feliz hum deſcontênte;
Quando ſe parte deſte mundo fóra.

Elle hé deſterro, aonde a humanidáde
Naõ fáz mais que penar: e o Céo ſagrádo
Hé Pátria de immortal felicidáde.

Se hé pois ſupplício o andar expatriádo;
A maior duraçaõ da nóſſa idáde
Só ſerve de o fazer mais dilatádo.

SONETO.

DEpois que infeliz ſou, tenho aſſentádo,
Que me fôra melhor naõ ſer vivênte;
Porque ſó ſerve de aſſombrar a gênte
A medonha viſaõ de hum deſgraçádo.

Aonde quer que chego cauſo enfádo:
Todos fogem de mim; ultimamênte
Parece, que inda o Céo, com ſer clemênte,
Eſcuta os vótos meus com deſagrádo.

Nada me réſta mais do que a eſperança
De entregar como os mais a vida ao córte,
Que a Parca dura ſobre todos lança.

Mas hé tál até niſto a minha ſórte;
Que como hum triſte com morrer deſcança,
Encontro a vida, quando buſco a mórte.

SONETO.

NAõ, Preládo immortal; eu naõ intênto
Dos vossos annos no festívo día,
Tecer-vos da Real genealogía
Para os vossos applauzos o ornamênto.
(mênto,
Bem sei, que o sangue Augusto hé luzi-
Que a brilhar já no berço principía;
Mas eu descubro em vós maior valía,
Que a fortuna do Régio Nascimênto.

Vós tendes outros dons mais soberános,
Que como em aureo anél em fim se engásta
A gloria vossa, e o pásmo dos humános.

Ella me guia, e quasi que me arrásta;
Porque para applaudir os vossos annos
Tenho a vossa virtude, e essa me basta.

Fazendo annos o Sereníssimo Senhor D. Gaspar Arcebispo Primáz.

SONETO.

(tênto
REgio Senhor (naõ digo bem, ſe in-
Recordar-vos do ſangue a Mageſtáde;
Pois das voſſas acçoens a claridáde
Inda hé maior que o voſſo Naſcimênto.)

(to
Sábio Paſtôr (mas inda hé curto augmên-
Para o voſſo louvor a Dignidáde;
Pois inda que hé maior, voſſa piedáde
Lhe dá mais, que recebe o luzimênto.)

Gaſpár feliz direi; porque ſómênte
Do voſſo claro nome o illuſtre brádo
Póde fazer a voſſa luz patênte.

Vós, Senhôr, acceitai hum que proſtrádo
Súbdito novo, agóra obediênte
Vos acha Pai, buſcando-vos Preládo.

SO-

Ao meſmo Sereniſſimo Senhor.

SONETO.

SE acaſò hum Cáfre o peito me rompêſſe,
E viſſe dentro delle o meu tormênto;
Póde ſer que com nobre ſentimênto
Hum Cáfre de ſer Cáfre ſe eſquecêſſe.

Póde ſer, que de mim ſe condoêſſe,
Deixando-me ficar, ſem que cruênto
Me tragaſſe as entranhas por ſuſtênto,
E o ſangue por bebida me ſorvêſſe.

Póde ſer; porque á viſta da humildáde
Barbaro algum naõ há, que naõ rebáta
Alguma parte ao mênos da crueldáde.

Só Nize, nunca branda, e ſempre ingráta
Me arranca o coraçaõ, e ſem piedáde,
Quanto mais eu me humilho, ella me máta.

SO-

SONETO.

A Trinta e cinco reis custa a pescáda:
O triste bacalháo a quatro e meio:
A dezeseis vintens corre o centeio:
Do vêrde a trinta reis custa a canáda.

A sétte, e oito tostoens custa a carráda
Da tórta lenha, que do monte veio:
Vende as sardinhas o gallêgo feio
Cinco ao vintem; e seis pela caláda.

O çujo regataõ vai com excésso,
Revendendo as pequenas iguarías,
Que da pobreza saõ todo o regrésso.

Tudo está cáro: só em nossos días,
Graças ao Céo! Temos em bom prêço
Os tramóços, o arrôz, e as Senhorías.

SO-

SONETO.

DO inquieto már do mundo em fim can-(çádo
Colher as velas quero: e aquí de fóra,
Como aquelle que juncto á praia móra,
As tormentas verei; más descançádo.

Quem quizer que o navegue: e carregádo
Do luzente metál, que o mundo adóra,
Feliz á patria volte: e muito embóra
Emprêgos compre, e viva respeitádo.

Palácios edifíque; e nelles ténha
Sempre assembléa aberta á gente nóbre,
Que respeitosa as filhas lhe entreténha.

Que eu na humilde cabána q̃ me cóbre,
Como nella a virtude a viver vénha,
Serei mais venturoso, inda que póbre.

SO-

SONETO.

EU, que juncto á Cabána, em que vivía,
Tive huma ríca Ermida: e affortunádo
Ovelhas tantas tive, que o montádo
Com ellas branquejar alegre vía:

Eu, que tive prazer, tive alegría,
Tive nome entre os mais; eu desgraçádo,
De quanto tive agóra despojado,
Naõ tenho nada mais, que a noite, e día:

Eu mesmo deixei tudo: e unicamênte,
A saudáde nos cófres da memória
Com disvélo guardei, mas imprudênte;

Pois lendo nella a minha triste história,
Me fazem ser mais duro o mál prezênte
Dôces lembranças da passada glória.

SO-

Depois que o Autor renunciou o seu Beneficio.

SONETO.

NAõ canta o Rouxinol, como cantáva
Algum dia nos boſques de Jazênte,
Onde com grata voz movía a gênte,
Como Orpheo que os rochêdos abaláva.

Entaõ ſó para ouvillo procuráva
O ſábio occaziaõ conveniênte;
Sendo taõ dôce a voz, e taõ cadênte,
Que de prazêr o rúſtico ſaltáva.

Mas inda hoje conſérva tal bellêza,
Eo eſtilo de cantar ſublime, e vário,
Que moſtra ſer Cantôr por naturêza.

Elle imita ao Pardál, e ao ſolitário;
A' labérca, ao Cochixo; e na deſtrêza
Paſſa de Rouxinól a ſer Canário.

SO

Por hum anónimo depois da Renuncia do Autor.

SONETO.

(táva
NO tempo, douto Amigo, em q̃ eu can-
Nos bosques solitarios de Jazênte,
Como só me attendía a rúde gênte,
Nenhum receio o peito me abaláva.

Dizía o que quería: e procuráva
O estílo aos males meus conveniênte;
E sem me dár que fosse ou naõ cadênte,
Do fá-bordaõ, juncto ao ré-mi saltáva.

Mas vendo dos teus vérsos a bellêza,
Persinto em mim o pensamento vário;
E até faltar-me a mesma naturêza.

E em vêz de celebrár-te solitário,
Neste mônte immudêço, e sem destrêza,
Sei só que hum Pisco sou, e tú Canário.

SO-

Respósta ao Soneto anónimo.

SONETO.

HE'taõ grande o rigôr do meu tormênto,
Que já nada no mundo me allivía:
A pesca, a cáça, o jogo, a companhía,
Em fim nada me dá contentamênto.

Tem tomádo em meu peito hũ tál augmẽto
O tyranno pezar que me angustía,
Que até das doutas Musas a harmonía
Naõ chêga a minorár-me o sentimênto.

Tudo aquillo aborrêço que á mais gênte
Costuma divertir; e de tal sórte,
Que me enfáda o esplendôr do Sól luzênte.

Odio tenho a mim mesmo: e hé taõ fórte,
Que mudo, solitário, e descontênte
Mais horrôr tenho á vida, do que á mórte.

SO-

SONETO.

DO leito, e do ſepulchro, naõ devía
Ser o nome diverſo; porque a gênte
Por módo em cada hum pouco diff'rênte
Nelles encontra a meſma companhía.

A mó rte, e o ſômno, ambos da luz do día
Nos roubaõ o eſplendôr; e unidamênte
Para o que dórme, a cama hé tûmba quênte,
Para o que mórre, a tumba hé cama fría.

O dormír, e o morrer ſymbolo ráro
Vem a ſer de hum; e d'outro; e na verdáde
Eu ſem mais diſtincçoens, eu os compáro.

Oh! Queira o Céo por ultima piedáde,
Que me encontre depois hum dia cláro,
E me deſpérte o lume da verdáde.

SO-

SONETO.

EM quanto tu, gentíl Peixoto, attênto
Mais do theátro ás leis, que ás da vontáde,
Imitáste de Honória a falsidáde,
Os crímes, o furor, e o fingimênto:

Em quanto das paixoens o movimênto
Expressaste com tanta propriedáde,
Que apezar do teu génio era a cruéldáde,
Quem dava á tua acçaõ o fundamênto:

Em qnanto em fim de mil Expectadôres
Lograste com completa segurança
O merecido premio dos louvôres:

Eu pasmava de vér-te sem mudança
Fazer bello o caráčter dos rigôres;
E até fazer formoso o da vingánça.

SO-

Em hum brinquedo particular que se fez em Amarante representando Antonio Peixoto Pereira na tragedia de Belizario.

SONETO.

AS acçoens virtuoſas de Delmíra,
Diſcréto Magalhães, taõ bem figúras,
Que até na imitaçaõ das deſventúras
Só de te ouvír o coraçaõ ſuſpíra.

Ou ſeja a Arte, ou ſeja, que te inſpíra
O genio natural, tu nos procúras
Movêr em nós as attençoens mais púras,
Cada vez que o theátro a ſcêna víra.

Mas ſeja o douto eſtudo, o que te erúde;
Ou ſeja taõ ſómente a naturêza;
Dizer qual mais te améſtra eu nunca púde.

Só ſei que repreſentas com deſtrêza;
Pois tens no peito o enſaio da virtúde,
E no proprio ſemblante a gentilêza.

SO-

No meſmo brinquedo, repreſentando Jozé de Magalhães e Menezes na Comedia da Bella Salvagem.

SONETO.

DOs annos a continua concurrência
Pouco a pouco deſtróe todo o vivênte,
A féra mais robûſta, o gádo, a gênte,
E a planta de mais firme corpolência.

Abate até dos montes a eminência:
Gaſta os duros metaes: ultimamênte
Naõ há couſa no mundo taõ valênte,
Que fórme contra o tempo reſiſtência.

Por mais repáros que a cautélla tráça,
Elle ſempre caminha; e a paſſo lênto
Tôrres deſtróça, e muros deſpedáça.

Eu ſó do ſeu domínio vivo izênto;
Pois por mais q̃ elle corra, e mais que fáça,
Nunca póde extinguir o meu tormênto.

SONETO.

EM quanto na aſſemblêa a Senhoríta
Gaſta a jogar parte da noite eſcúra:
E de outra banda o Petimétre apúra
Huma Dáma de honôr, a quem viſíta:

Em quanto ao Rouxinol cantando imíta
A Donzella gentil ſôbre a coſtúra:
E em quanto o ſômno affugentar procúra
Mettida a ſentinélla na guaríta:

Eu deſpérto tambem; e até que a Auróra
A's ſômbras raſgue o tenebrôſo manto,
Tempéro attento a cithara ſonóra:

E invocando do Pindo o Nume Santo;
Pois que jogar naõ vou; da meza fóra,
Da póbre minha bôlça a inópia canto.

SONETO.

POr mais que intente a douta Medicína
As vidas dilatar ; inda atégóra
Contra a mórte cruél, que nos devóra,
Remédios naõ compôz, naõ deu doutrína.

Ella o relógio observa, onde se assígna
Aos míseros mortaes a fatál hóra ;
E assim que a vê chegar, a fouce arvóra ;
E tudo entaõ destróe, tudo arruína.

Nada em fim lhe resiste : unicamênte
Dos annos dos Heróes a claridáde
O gólpe lhe rebáte, ou lho desmênte.

Nos de Gaspar se mostra esta verdáde;
Pois se vê que o seu nome adóra a gênte,
Escrito nos Padroens da Eternidáde.

Aos annos de Sua Alteza

SONETO.

SE de Gaſpar contemplo, ora a Piedáde,
Ora o Sangue, que as vêas lhe circúla,
Naõ me atrêvo a julgar qual lhe accumúla
Nos annos ſeus mais nóbre claridáde.

Com ella imita aos Céos, a ſantidáde
Com que eſte Auguſto Infante ſe intitúla:
E taõ conforme o reſplandor regúla,
Que medidas naõ ſoffre na igualdáde.

Que as faça quẽ ſouber: q̃ eu naõ intênto
Com debil penna, e com engenho rúde
Fazer-lhe diſtincçoens no luzimênto.

Naõ: pois por mais q̃ quiz inda naõ púde
Seperar-lhe do Régio Naſcimênto
O ſagrado Caráćter da virtúde.

SO-

Ao meſmo aſſumpto eſtando prezent e S. A. na Academia em Guimaraens.

MOTE.

A paz conserva a candida virtude.

LOnge de Guimaraens, esses que a A'rte
Falsos principios forma; onde sómênte
A distincçaõ de huma fingida frênte,
E naõ o coraçaõ, tem nelles parte.

Longe a discordia vã, filha de Marte,
Os crimes, a vingança, finalmênte
Tudo quanto inquietar no mundo a gênte
Se retire daquí, daquí se aparte.

Porque Gaspar aquí nos predomína,
Aquí com mil exemplos nos crúde,
E fáz dos annos seus sacra Doutrína;

Pois nelles reconhece, inda o mais rúde;
Que se a guerra os furores nos ensína,
A paz conserva a candida virtude.

Dado na mesma Academia.

SONETO.

MUsas, a Deos, que a voſſa melodía
Naõ poſſo já ſoffrer; foi tempo: agóra
Occultar quero a cithara ſonóra,
Onde nunca mais veja a luz do día.

Rouca a voz, tarda a maõ, e a idéa fría
Querem que eu vá deſta áſſembléa embora:
Sábios tem ella Alumnos; e eu de fóra
Lhe ouvirei novos modos de harmonía.

O objecto della hé grande; e na verdáde
Esforços requeria mais que humanos
Em huma acçaõ de tanta authoridáde.
(nos
Mas ſe eu naõ poſſo mais; aos Céos ſob'ra-
Rogarei que por bem da noſſa idáde
A Feniz conte de Gaſpar os annos.

SO-

Na meſma Academia.

SONETO.

SE de Nize contemplo o caſto peito,
Se o ſemblante gentil, inda atégóra
Julgar naõ ſei qual mais a condecóra;
Qual fáz nos corações maior effeito.

Por honeſta nas Aras do reſpeito,
Por gentil, nas do amôr tanto ſe adóra;
Que o meſmo culto, que lhe off'reço, ignóra,
Qual maior impreſſaõ em mim tem feito.

Por mais em fim que attentamênte eſtúde
O ſeu decóro, a ſua gentilêza,
Saber qual hé maior, inda naõ púde.

Sei ſó que fico ſempre na incertêza,
Se ſe fáz mais amar com a virtúde,
Se mais obſequiar com a bellêza.

SONETO.

DA carga desta vida em fim cançádo
Sacudílla de mim quizéra fóra;
Por ver se do seu pezo em alguma hóra
Me via inteiramênte aligeirádo.

Se hé certo, q̃ além della hũ desgraçádo
Póde ir viver onde a ventura móra,
A quizera ir lograr; mas atégóra
Me dilata esse bem o duro fádo.

Elle naõ quer que a Párca o fio córte;
Que os alentos vitáes taõ firmes áta,
Que resiste á tisoura inda a mais fórte.

E quer mostrar assim que hé tanto ingráta;
Que como para mim hé gosto a mórte,
Quer ser cruél até quando naõ máta.

SO-

SONETO.

SEja qual fôr, ninguem do proprio estádo
Queixas deve formar, pois resistencia
Naõ se póde fazer á permanencia
Do systêma, em que o mundo está fundádo.

Quanto há de ser, e quanto tem passádo
Está nelle com tanta consistencia,
Que a naõ lhe aniquillar a propria essencia,
Naõ póde ser pelos mortaes mudádo.

Vive o Pastor na sérra endurecída,
Na mólle Curia o Rey; e a tudo a sórte
Com sua independencia nos convída.

Se pois tudo vem della; se suppórte:
E soffraõ-se os trabalhos desta vída,
Por fazer menos dúra a negra mórte.

SO-

SONETO.

ROmpe o tempo voráz a corpolencia
Das pédras, dos metaes, dos trôncos dúros,
E até lhe cedem os valentes múros,
Que a Mavórte fizeraõ reſiſtencia.

Os edificios proſtra; e ſem clemencia
Derrubando os repáros mais ſegúros,
Aos Thronos ínclitos, e aos Templos púros
Nega o reſpeito, e falta á reverencia.

Só por ti, gentil Nize, attento páſſa;
Sem q̃ dos ſeus deſtroços, dos ſeus dámnos
Alguma ſombra no teu roſto fáça.

Es ſẽpre bella; e aos dótes teus ſob'ránes
Augmentas nóva luz, e nova gráça
No dia, em que celébras os teus annos.

SONETO.

SE cada qual trouxeſſe ſôbre a frênte
Dos occultos pezares hum trasládo,
Talvez que o que parece affortunádo
Se converteſſe entaõ em deſcontênte.

Naõ: ninguem quer moſtrar á demais gênte
Que traz dentro do peito algum cuidádo;
Por iſſo finge hum rôſto ſerenádo,
Ao meſmo tempo que os ſeus males ſênte.

Eu ſó ſinto hum taõ bárbaro tormênto,
Que tanto me anguſtía, e opprime tanto,
Que já para o callar naõ tenho alênto;

E dou a conhecer com novo eſpanto
O meu mais eſcondido ſentimênto
Nas publicas correntes do meu pranto.

SONETO.

AQuí juncto do Támega que désce
Formando em cada penha huma cascáta,
Onde na espuma dos cristais retráta
O már que em flôr rebenta, e se ensuréce:

Aquí para que o Rio mais se apresse
A chegar, onde vive a minha ingráta,
E unido ao Douro os altos muros báta,
Com que o soberbo Porto se guarnéce:

Aquí os males meus chamar intênto,
Por ver se huma maior velocidáde
Do Rio as agoas com meu pranto augmênto.

E sendo testemunhas da verdáde,
Lhe vaõ mostrar o meu final tormênto,
E criminár-lhe a sua cruéldáde.

SONETO.

RElampeje, trovóe; e cênto a cênto
Cáiaõ ráios do Céo, que eu ſocegádo
Tudo vendo eſtarei ſem maïs cuidádo,
Que o da cauſa gentil do meu tormênto.

Elle tanto me occupa o penſamênto,
Que de outro mal naõ poſſo ſer lembrádo,
Inda que ſôbre mim deſpenhe o fádo
Quantos Aſtros encérra o Firmamênto.

Inda ſe eu viſſe o fim da Redondêza,
Que circumda a paſmóſa Immenſidáde,
Que méde a tantos Orbes a Grandêza;

Inda entaõ na medônha eſcuridáde
Da ruina total da naturêza,
Só me lembrára a minha ſaudáde.

SONETO.

Que huma Dama gentil ſonóra cante,
Que dance déſtra, e até que vérſos fáça,
Naõ ſe deve eſtranhar; porque iſſo hé gráça,
Que mais airóſa a fáz, que a fáz galante.

Que tóque, que paſſêe, e que brilhante
A's aſſembléas vá, por móda páſſa;
E tudo o que ella ordêna, e que ella abráça,
Hé para a deſculpar cauſa baſtante.

Tudo lhe dou: que a noſſa idáde agóra
Das ruſticas cautelas de algum día
As pezadas correntes lançou fóra.

Só naõ ſôffro a ráſgada cortezía,
Que fáz que huma vilã ſe condecóra,
Chupando Dom, lambendo Senhoría.

SONETO.

TUdo a guerra deſtróe, com tudo bóle;
Sem que ninguem do ſeu furor ſe izênte:
Os Palacios, os Templos, finalmênte
Nada ſe encontra que ella naõ deſóle.

Na Campanha atropélla a relva mólle;
Rompe no boſque a planta mais valênte,
Os animaes devóra; e a pobre gênte
Afugenta, captiva, máta, engóle.

Hum ſupplicio hé do Céo, quando elle irá-(do
A eſpada da juſtiça deſencerra
Por caſtigar do mundo algum peccádo.

Com ella deſpovôa a triſte terra;
Pois da péſte, e da fóme accompanhádo
Andar coſtuma ſempre o mál da guerra.

SONETO.

ASſim que naſce o miſero Innocênte,
Perde eſte nome; e em lagrimas banhádo
Confeſſa que a penar hé condemnádo
Pela culpa fatál de ſer vivênte.

Ella hé taõ grãde, e o fáz taõ delinquênte,
Que ſe chega a morrer naquelle eſtádo,
Parece que valer-lhe o Céo ſagrádo,
Ou naõ póde, ou naõ quer, com ſer clemênte.

Elle póde, e elle quer, mas na verdáde
Foi a culpa de Adam taõ gráve, e fórte,
Que inficionou a toda a humanidáde.

E fez tanto infeliz a noſſa ſórte,
Que ſem ter compaixaõ da tenra idáde
O meſmo Céo o ſentencéa á mórte.

SONETO.

NEſte día o mais triſte, e o mais ſagrá(do,
Que o tempo nos ſeus circulos numéra,
No qual por cõpaixaõ dos Céos na Eſphéra
O Sól ficou ſem luz todo eclipſádo:

Neſte fúnebre día, dedicádo
A' mórte mais cruél, e a mais ſevéra;
Porque nelle a memória conſidéra
Naõ menos do que hum Deos crucificádo:

Neſte día immortal, que a toda a gênte
Commóve os coraçoens para a ternúra,
Entre os mais fico ſem chorar ſómênte;

Pois mais rebélde o meu, q̃ a pedra dúra
Vê, e ſem ſe quebrar, da Cruz pendênte
O meſmo, que ſalvar-me hoje procúra.

SONETO.

NAſce comnoſco o génio, e companhía
Nos fáz, Senhor, com tal tenacidáde,
Que mudar-lhe naõ póde a propriedáde,
Nem inda até do tempo a valentía.

Hum heróico peito principía
Logo à brilhar na flôr da mocidáde:
Creſce, dura, e por fim em toda a idáde
Hé ſempre o meſmo, e nunca ſe varía.

Vós hoje exemplo dais deſta firmêza,
Que fáz mover os coraçoens humanos,
Sem nunca lhe alterar a naturêza;

Pois ſaõ por liberáes, por ſoberanos;
E por nunca mudarem de grandêza,
Sempre os meſmos no génio os voſſos annos.

SO-

Aos annos de Sua Alteza.

SONETO.

PAſſo triſte a manhã, a tarde, o día,
E a meſma noite ſem dormir lamênto;
Que quem padéce hum taõ cruél tormênto,
Téme na luz, na ſombra ſe anguſtía.

Vivo ſó por ſoffrer a tyrannía
Dos males meus; que a vida que ſuſtênto
Naõ me ſerve de mais que de alimênto
Do pezar, da triſteza, e d'agonía.

Hum alivio ſó há, que me ſegúra
De que tem de acabar mágoa taõ fórte,
Levando-me bem cêdo á ſepultúra.

Mas oh quãto hé funeſta a humana ſórte!
Se para nos dar fim á deſventúra
Primeiro fáz ſoffrer o horrôr da mórte.

SONETO

O' Tu, sábio Orador, naõ da Eloquencia
Das humanas paixoens; mas da Celéste;
Que de taõ longe a converter viéste
Os filhos de Amarante á penitencia:

Tu que avivar na surda consciencia
Os mordázes remórsos me fizéste:
E o q̃ inda hé mais; tu, q̃ abrandar podéste
Da minha contumácia a resistencia:

Tu forceja, combáte, e continúa,
Até que o grilhaõ dúro, que me arrásta,
Da Santa voz aos golpes se destrúa.

Em fim, do precipicio tú me afásta;
Que a naõ ter maior fructo a Missaõ túa,
Que a minha conversaõ; esse te básta.

SONETO.

PArte, ó Sácro Orador; e faze embóra
Em outro Clima a luz do Céo patênte:
Officio hé teu; e o mundo tem mais gênte,
Que como nós o teu ſoccôrro implóra.

Triſte Amarante fique; e ſe demóra
A partida cruél te naõ conſênte,
A auzencia tua o noſſo amôr lamênte;
E tu lhe acceita as lagrimas, que chóra.

Se tu ſoubeſte; e ſe podeſte tanto,
Que dos olhos da noſſa iniquidáde
As chegou a arrancar teu zelo Santo;

Leva com tigo ao menos por piedáde,
Eſtas que hoje derrama o noſſo pranto,
Para dar-te huma próva da ſaudáde.

SONETO.

NEste mundo naõ há quem da censúra
Izento a viver chegue ; porque a gênte
Muitas vezes d'acçaõ, que hé mais decênte,
A vê por outroládo ; e nos murmúra.

Critíca-se huma Dáma, que procúra
Fugir das assembléas ; e igualmênte
Da que nellas se quer fazer patênte,
Talvez o pondonôr se desfigúra.

Huma, dizem, que tem o génio rúde :
Outra, que se encaminha ao precipício :
E em cada qual o bem, e o mál se illúde.

E assim com hum satírico artifício ;
O que ás vezes em ambas hé virtúde
A crítica mordáz figura h[illegible] vício.

SONETO.

ORa Nize ſe rí, ora lamênta,
Ora ſe off'rece, ora ſe difficúlta;
Ora nada me acceita, ora me múlta;
Ora me aníma, ora me deſalênta:

Ora gôſtos me dá, ora atormênta,
Ora ſe deixa vêr, ora ſe occúlta;
Òra mimos me faz, ora me inſúlta;
Ora toda hé bonança, ora tormênta:

Ora me faz gellar, ora me accênde;
Ora alento me dá, ora me eſpanta,
Ora ſôlto me traz, ora me prênde:

Ora triſte me tem, ora me encanta;
Ora ſim, ora naõ; ninguem a entênde;
Ora hé hum Diabo, ora hé huma Santa.

FIM.